



UM ESPAÇO NA PRÉ-HISTÓRIA DO VALE DO TAQUARI

Sidnei Wolf

Lajeado, novembro de 2010

Sidnei Wolf

UM ESPAÇO NA PRÉ-HISTÓRIA DO VALE DO TAQUARI

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Neli T. G. Machado

Lajeado, novembro de 2010

AGRADECIMENTOS

Neste momento de conclusão de mais uma etapa na trajetória estudantil, é necessário o agradecimento a algumas pessoas e grupos.

Em primeiro lugar a minha família. Pai, mãe e irmã, respectivamente, Sinesio, Sonia e Simone. Pessoas que sempre estiveram me apoiando nas tarefas, delegadas pela academia. Além do “Paitrocíneo”.

Aos professores. Pessoas que não mediram esforços, na transferência de conteúdos e informações, para fortalecer a discussão. Maribel, Silvana, Laroque, Mateus, Dalia, Ledi, Marlise, Dante, Kári e Vera.

A minha primeira e querida orientadora, Neli. Que no distante dia 31 de outubro de 2007, ofereceu-me a oportunidade de trabalhar com a pesquisa, e abriu as portas do Setor de Arqueologia a um jovem lá do interior de Colinas. Mais precisamente Linha Ano Bom. Meu muito obrigado pela amizade e ensinamentos sobre Arqueologia.

A equipe que passou ao longo destes três anos pelo Setor de Arqueologia, Antônio Marcos, Diego, Eduardo, Fernanda, Marcos, Jones, Patrícia, Clara, Letícia, Sérgio, Pablo, Lauren, Natália e André. Obrigado a todos pelas conversas e aprendizados sobre Arqueologia, e outros temas relevantes.

Ao professor André Jasper. Sempre atencioso no auxílio de atividades referentes a pesquisa.

Aos colegas que fiz nestes 6 anos de academia.

Aos meus amigos de bar e festa. Que muitas vezes tiveram de escutar a seguinte resposta a determinada pergunta: “Não vai dar! Eu preciso estudar!”. Também por escutarem as inúmeras questões (sem respostas) que levantava em frente a copa da “Sociedade”.

As direções e professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ipiranga e Escola Estadual de Ensino Médio de Colinas, pela oportunidade de realização dos estágios. Bem como aos alunos, que aguentaram a mim e meus questionamentos.

O Centro de Memória, Documentação e Pesquisa da Univates – CMDPU. Obrigado pela oportunidade durante Estágio em Acervos.

A Univates, pelo ensino de qualidade e a oportunidade de trabalhar com pesquisa acadêmica.

A FUNADESP e Univates pelas concessões de bolsa.



RESUMO

Toda atividade humana, em qualquer período histórico ocorre num espaço físico concreto. Esta monografia tem como objeto identificar e analisar a distribuição espacial da cultura material compreendida por fragmentos de cerâmica, evidências líticas e vestígios arqueofaunísticos, na Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114, localizado no município de Marques de Souza/RS. Considerou-se a partir da proposta teórico-metodológica da Arqueologia Espacial, que um objeto isolado não significa nada, mas sim por uma gama relações com outros objetos, privilegiando o seu contexto. A análise baseou-se na distribuição intra-sítio das diversas vasilhas e suas funções, bem como do material lítico com marcas de fogo e uso. Os dados foram relacionados com a bibliografia sobre as áreas de atividade Guarani e a cultura material produzida e utilizada nelas. A coleção analisada contemplou 1380 fragmentos de cerâmica, 252 peças líticas e um vestígio arqueofaunístico. Foram identificadas vasilhas com a funcionalidade de: servir e consumir alimentos sólidos e líquidos, cozinhar alimentos e servir alimentos sólidos e líquidos. O material lítico apresentou evidências com marcas de fogo, polimento e uso. A distribuição espacial demonstrou que a maioria das atividades estavam ligadas diretamente a área de combustão. Entre as atividades identificadas está o cozimento e consumo de alimentos; o retalhamento de núcleos para obtenção de lascas bipolares e o acabamento por polimento a artefatos líticos e vasilhas cerâmicas. Espera-se ter contribuído para o entendimento espacial de um grupo pré-histórico Guarani.

Palavras-chave: Pré-história – Arqueologia Espacial – ocupação do espaço – atividades Guarani.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Localização geográfica do Vale do Taquari, com destaque ao município de Marques de Souza/RS.....	28
Figura 02 - Planície de inundação onde se localiza o RS-T-114.....	30
Figura 03 - Topografia do terreno, com destaque para a Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114	30
Figura 04 - Primeira intervenção na Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114, em outubro de 2006	31
Figura 05 - Croqui das intervenções arqueológicas realizadas na Área 2, do sítio arqueológico RS-T-114. Intervenções desde outubro de 2006	32
Figura 06 - Vista da escavação de dezembro de 2007 na Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114	33
Figura 07 - Sondagem entre as quadrículas F1, F2, G1 e G2.....	34
Figura 08 - Pequenas manchas de solo escurecido verificadas na quadrícula J, sem a presença de vestígios cerâmicos e líticos	35
Figura 09 - Croqui da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114, com a localização das árvores e evidências arbóreas.....	36
Figura 10 - Conjuntos de vasilhas Tupiguarani reconstituídas por Fiegenbaum (2009), para o sítio RS-T114.....	40
Figura 11 - Conjuntos de vasilhas Tupiguarani reconstituídas por Fiegenbaum (2009), para o sítio RS-T114.....	41
Figura 12 - Distribuição espacial de todas as evidências arqueológicas, com registro tridimensional, provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114	48
Figura 13 - Bordas provenientes da Área 2	52
Figura 14 - Distribuição espacial de todos os fragmentos de cerâmica, com registro tridimensional, provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114	54

Figura 15 - Distribuição espacial de todos os fragmentos enquadrados na classe de massas e bases, com registro tridimensional, provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114.	55
Figura 16 - Distribuição espacial de todos os fragmentos enquadrados na classe de bordas, com registro tridimensional, provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114	57
Figura 17 - Distribuição espacial das vasilhas, com registro tridimensional, conforme sua funcionalidade (a partir de Fiegenbaum 2009), provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114	58
Figura 18 - Distribuição espacial das vasilhas, com registro tridimensional, conforme seu diâmetro, provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114	60
Figura 19 - Evidências líticas provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114	63
Figura 20 - Evidências líticas com marcas de utilização.....	65
Figura 21 - Distribuição espacial das evidências líticas, com registro tridimensional, provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114	67
Figura 22 - Distribuição espacial das evidências líticas, com registro tridimensional, com marcas de fogo provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114.....	69
Figura 23 - Distribuição espacial das evidências líticas, com registro tridimensional, com marcas de polimento da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114.....	71
Figura 24 - Distribuição espacial das evidências líticas, com registro tridimensional, com marcas de uso da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114.	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Quantificação dos fragmentos de parede e borda, com relação ao tratamento de superfícies.....	50
Tabela 02 – Quantificação das vasilhas, a partir da funcionalidade e diâmetro.....	52
Tabela 03 - Quantificação e distribuição das evidências líticas quanto à matéria-prima e tipo de fragmento	62
Tabela 04 - Quantificação e distribuição das evidências líticas, quanto à matéria-prima e tipo de fragmento, que apresentam marcas de exposição ao fogo	63
Tabela 05 - Quantificação e distribuição das evidências líticas, quanto a matéria-prima e tipo de fragmento, que apresentam marcas de polimento	63

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	5
LISTA DE TABELAS	7
1 INTRODUÇÃO	10
2 ARQUEOLOGIA ESPACIAL: O ENTENDIMENTO A PARTIR DO CONTEXTO E ESPAÇO.....	13
2.1 Arqueologia Espacial.....	13
2.2 O contexto em arqueologia.....	14
2.3 O espaço	15
3 O ESPAÇO GUARANI E ÁREAS DE ATVIDADE.....	18
3.1 As áreas de atividade	18
3.2 O espaço Guarani.....	19
3.3 As áreas de atividade Guarani	20
3.3.1 A produção dos artefatos	22
3.3.2 O consumo dos artefatos.....	24
4 O RS-T-114 E O MÉTODO DE PESQUISA	27
4.1 RS-T-114 no contexto regional	27
4.2 RS-T-114: localização e intervenções	29
4.3 Método em campo	31

4.4 Procedimentos metodológicos em laboratório	38
4.4.1 A análise do material arqueológico	38
4.4.2 A análise espacial	45
5 A CULTURA MATERIAL NO ESPAÇO	47
5.1 A distribuição de toda a cultura material.....	47
5.2 A cerâmica.....	50
5.2.1 A distribuição espacial da cerâmica	54
5.3 O material lítico.....	62
5.3.1 A distribuição espacial do material lítico	67
5.4 Interpretações e discussões.....	74
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79

1 INTRODUÇÃO

Para muitos, a Arqueologia está relacionada à busca de relíquias e tesouros do passado. Perguntas como: “E aí, já acharam ouro?”, são comuns ao se fazer atividades de campo. Não se pode discordar disso, já que a mídia contribui para esta impressão. A verdade, é que o grande tesouro do profissional arqueólogo, é o entendimento do passado. Não importando se estes objetos são valiosos ou não.

A Arqueologia foi vista como uma ciência que podia revelar o passado do homem, com veracidade a partir da cultura material¹ produzida por ele ao longo dos anos. Porém, esta tarefa não é tão simples, uma vez que o objeto de estudo, é apenas uma parte do imenso contexto que envolve a atividade humana.

Com as discussões em torno das teorias arqueológicas, e o advento da Nova Arqueologia, aspectos como a paisagem, o ambiente e o contexto, passam a fazer parte do universo da investigação arqueológica. A busca por outros elementos, não apenas os “objetos” escavados pelo arqueólogo começam a ser considerados para o entendimento do passado.

Ao tentar recriar o passado, através da interpretação, o arqueólogo impõe no seu trabalho uma visão de mundo atual. Nesta, estão contidos fatores e valores, seus e de outras pessoas que envolvem o meio. É necessário ter cuidado ao se fazer este exercício interpretativo para não se incorrer em erros e se perder em análises, descrições, desenhos, tabelas e fotografias, criados pelo profissional como forma metodológica de investigação do passado. Todo pensamento resultante deste processo, nada mais é do que um significado

¹ Entende-se por cultura material os objetos produzidos pelos grupos humanos ao longo do tempo, e que resistem à ação de fatores pós-deposicionais.

presente. Ou seja, o diálogo entre o objeto, cultura material e o arqueólogo, acontece na contemporaneidade (Jacques, 2007).

Nessa monografia, *Um espaço na pré-história do Vale do Taquari*, optou-se por trabalhar com a temática da arqueologia pré-histórica, na região geopolítica conhecida como Vale do Taquari localizada no centro-leste do Estado do Rio Grande do Sul.

A pesquisa arqueológica no Vale do Taquari inicia-se com a criação do Curso de História – Licenciatura – junto ao Centro Universitário Univates, no campus de Lajeado, no ano 2000. A partir da criação do Curso, funda-se o Setor de Arqueologia ligado ao Museu de Ciências Naturais, sob a coordenação da Dra. Neli Teresinha Galarce Machado. Para tanto, os dados apresentados e discutidos na sequência são de autoria do Setor de Arqueologia da Univates.

Ao longo desses 10 anos, vários estudos² foram efetuados e publicados sobre a pré-história regional. Identificando locais de ocupação, bem como a cultura material produzida pelos diferentes grupos pretéritos.

Com o presente trabalho busca-se interpretar o espaço ocupado por um desses grupos a partir da distribuição da cultura material, identificada por fragmentos de cerâmica, artefatos líticos e vestígios arqueofaunísticos. Além de uma análise tradicional, que ainda é importante, esta pesquisa propõe-se a avançar no sentido de interpretar uma possível organização espacial do grupo. Tanto uma organização social, quanto funcional. Acredita-se que o objeto deva ser compreendido não somente pelo material, mas sim por uma gama de relações sociais e processos históricos passados.

Os objetos e as “coisas” sempre possuem um significado. Na maioria das vezes servem para recordar algum evento, momento especial. Cada um destes objetos e coisas contempla uma história. E esta história pessoal, relaciona-se a história de um grupo. Associado a cada objeto material produzido por qualquer grupo histórico, há um longo processo, que envolve pensamentos e ações. Busca-se a matéria-prima necessária para a confecção do mesmo. Essa após ser processada, ou não, é relacionada há um significado cultural. O objeto pronto possui uma utilidade, funcional ou simbólica. Após o término de sua vida útil este é abandonado no local de uso, ou não. Em todos estes eventos mencionados tanto comportamentais, quanto ações físicas, tem no espaço o local de ação.

² Entre os trabalhos: Kreutz (2008); Schneider (2008) e Fiegenbaum (2009).

Como espaço escolhido para esta análise, o local denominado³ como Área 2 do sítio arqueológico pré-colonial RS-T-114, localizado no município de Marques de Souza/RS. Através de estudos, já publicados⁴, o local está associado a grupos horticultores ceramistas Guarani.

Para o entendimento deste espaço, temos como aporte teórico-metodológico a Arqueologia Espacial, que prima pelo entendimento do espaço arqueológico.

É importante salientar que este trabalho é decorrente de um longo período acadêmico, após três anos de Bolsa de Iniciação Científica. Apesar dos dados aqui apresentados serem resultado de um processo laboratorial, a pesquisa aqui descrita, não poderia ser realizada sem um importante cuidado metodológico nas atividades de campo. Como primamos pela distribuição espacial das evidências arqueológicas, esta só foi possível através do processo de registro tridimensional⁵ das mesmas *in situ*.

Apesar do sítio arqueológico RS-T-114 não ter sido escavado em sua totalidade até o momento, acredita-se que as informações obtidas, permitem uma análise espacial preliminar sobre a mesma. Não buscamos aqui fechar as interpretações, apenas levantar hipóteses. Estas podem ser confirmadas, ou rechaçadas com a sequência das pesquisas.

O presente estudo está estruturado em quatro partes. Após a Introdução, a qual aborda aspectos estruturais pertinentes a um trabalho científico, será abordada, no capítulo 2, a Arqueologia Espacial como teoria metodológica de análise de grupos humanos. No capítulo 3, serão levantados dados sobre o espaço Guarani e as atividades realizadas neste espaço, bem como, relacionar estas atividades com a cultura material produzida e utilizada. No quarto capítulo adentra-se no objeto de estudo, o RS-T-114. Além de apresentar informações sobre o ambiente em que o sítio se insere, apresenta-se o método utilizado para análise da cultura material e sua dispersão. No quinto capítulo descreve-se a distribuição espacial intra-sítio da cultura material, assim como interpretações para esta dispersão.

³ Denominação adotada pela equipe do Setor de Arqueologia, em contraponto a Área 1, no mesmo sítio arqueológico. Ver capítulo 4.

⁴ Entre os trabalhos: Kreutz (2008, 2009) e Fiegenbaum (2009).

⁵ Este é obtido através do registro do objeto em relação a três pontos pré-estabelecidos: x,y e z.

2 ARQUEOLOGIA ESPACIAL: O ENTENDIMENTO A PARTIR DO CONTEXTO E ESPAÇO

Neste capítulo pretende-se delinear sobre a Arqueologia Espacial. Proposta teórico-metodológica que prima pelo entendimento do espaço pretérito, a partir da distribuição da cultura material.

2.1 Arqueologia Espacial

A Arqueologia Espacial surge na década de 1970, a partir do advento da Arqueologia Pós-Processual⁶. Não há um consenso na academia, quanto sua definição como uma teoria ou metodologia de análise em arqueologia. É importante salientar que os primeiros trabalhos realizados nesta linha tinham como local a Europa, com arqueólogos britânicos⁷.

Segundo Clarke (1977, p.9, apud Butzer, 1989, p.204) a Arqueologia Espacial se ocupa de um conjunto de elementos e relações que representam “*actividades humanas a todas las escalas, las huellas y artefactos que aquellas han dejado, la infraestructura física que*

⁶ Segundo Funari (2000) a Nova Arqueologia fortaleceu a idéia de que por detrás do universo de objetos, a cultura material busca o universo dos homens e das suas relações sociais.

⁷ Entre eles I. Hodder, L. Binford e S. Kent .

las acogió, los medioambientes con los que interfirieron y la interacción entre todos estos aspectos⁸”.

O referido autor (1977, apud Butzer, 1989) engloba três níveis de escala arqueológica para análise:

- 1º - refere-se a micro-escala, no nível das estruturas⁹;
- 2º - refere-se a semi micro-escala, no nível do sítio, dentro do sítio arqueológico;
- 3º - refere-se a macro-escala, entre sítios arqueológicos.

A análise da espacialidade na arqueologia trata do estudo de vários aspectos relacionados às sociedades passadas, como a estruturação espacial da evidência arqueológica a fim de identificar as relações e as caracterizações espaciais. Assim interpretar a organização social de um espaço específico (Hodder e Orton, 1990).

Para Jacques (2007), a análise espacial aborda a história de vida dos artefatos. Nesse sentido, busca o entendimento dos contextos de criação, comunicação e consumo.

Delineando sobre a análise intra-sítio¹⁰, Morales (2007, p.77) destaca que esta “privilegia os espaços internos dos sítios arqueológicos, mais precisamente, das suas áreas de atividade e unidades habitacionais”.

Portanto, a análise espacial se preocupa em reunir todos os elementos que compõem o sítio. Nela os artefatos devem ser relacionados uns aos outros, juntamente com as condições ambientais. Desse modo, a cultura material não é entendida apenas por suas características físicas ou funcionais, mas por seu contexto.

A definição de contexto e espaço é imprescindível para a análise em Arqueologia Espacial. É necessário o entendimento destes conceitos, que permeiam o trabalho arqueológico.

2.2 O contexto em arqueologia

⁸ Tradução: “atividades humanas a todas as escalas, os vestígios e artefatos que aquelas tem deixado, a infraestrutura física que as acolheu, os meios ambientais que interferiam e a relação entre todos estes aspectos”.

⁹ Entendidas como abrigos, habitações, casas, sepulturas, lugares de culto, etc.

¹⁰ Refere-se a análise dentro do sítio arqueológico. A análise intra-sítio difere da análise inter-sítio, entre os sítios arqueológicos.

Ao contextualizarmos os artefatos, estamos conectando uns aos outros. Uma peça isolada não apresenta nenhum significado, mas em uma teia de relações com outros elementos que compõem o contexto arqueológico.

As quantificações de artefatos (cerâmicos quanto líticos) são comuns. Mas ao passo que estas descrições não são relacionadas a um contexto determinado, permanecem isolados e sem significado (Jacques, 2007).

A busca pelo máximo de dados possíveis sobre os materiais implicará em uma maior gama de informações sobre semelhanças e diferenças. Assim também, entre a cultura material e os contextos (Hodder, 1992).

Segundo Hodder (1992, p.14), o contexto é a totalidade do meio ambiente relevante, assim:

[...] o contexto de um 'objeto' arqueológico (incluindo um traço, um sítio, uma cultura) é todas aquelas associações que são relevantes para seus significados. Esta totalidade, é claro, não é fixa em nenhum sentido desde que o significado de um objeto depende do que está sendo comparado com, por quem, com qual propósito e assim por diante.

Ainda, o autor considera o contexto como uma estrutura ideológica e funcional, na qual a cultura material é utilizada diariamente. Toda atividade humana, histórica ou pré-histórica, tem como local um contexto específico. A escavação arqueológica é nada mais do que a evidenciação de um contexto.

2.3 O espaço

O espaço pode ser considerado o local onde acontecem as relações sociais entre os seres humanos.

Para Roura *et al.* (1986, p.33), “*el espacio es el marco de las relaciones sociales, en cualquier comunidad histórica*”¹¹. Nesse sentido, os autores (1986, p.35) afirmam:

[...] *el espacio es la base donde se producen las relaciones sociales, quedando englobado dentro de este concepto tanto el medio natural como el histórico. Las*

¹¹ Tradução: “o espaço é marco das relações sociais, em qualquer comunidade histórica.”

*relaciones sociales se originan de forma diferencial en el medio, y el hombre se ha organizado sobre puntos o espacios geográficos concretos [....]*¹².

Busca-se a partir da distribuição espacial das evidências arqueológicas, delinear sobre a utilização do espaço, está se referindo ao uso de um local concreto. Este posteriormente é denominado de sítio arqueológico¹³.

Segundo Morais (1999, p.12), “o fato é que não existe uma única definição de sitio arqueológico. Qualquer uma é válida, desde que se ajuste a determinado propósito para solucionar determinado problema”. Portanto, conforme o autor, sítio pode ser considerado “a menor unidade do espaço passível de investigação, dotada de objetos intencionalmente produzidos ou rearranjados que testemunham as ações de sociedades do passado”, como todo o entorno (englobando os locais com fontes de matéria-prima).

O sítio arqueológico pode ser considerado o lugar central onde ocorrem as relações sociais entre os indivíduos. Para Vaz (1996, p.1949), o lugar central deve ser compreendido a partir da Geografia:

Uma noção geral em Geografia é a noção de lugar central, ou seja, um lugar que se impõe devido à sua centralidade e às condições da sua localização estratégico-econômica. Ao lado deste lugar central localizam-se outros de menor importância social, política ou econômica.

Sabe-se que a escolha de um local apropriado para a instalação de um grupo pré-histórico envolvia muitos critérios. Desde características de estratégia, quanto de subsistência, ou seja, um local que oferecia uma grande disponibilidade de recursos naturais, necessários para a sobrevivência e a produção cultural.

A relação entre os seres humanos e o espaço, deriva de uma necessidade de adquirir condições vitais para sua sobrevivência no ambiente que o rodeia, para dar sentido e ordem a um mundo de acontecimentos e ações (Borrazás, Rotea e Vila 2002).

Para Boado (1999), ao analisar o espaço sob uma perspectiva da Arqueologia da Paisagem¹⁴, afirma que este engloba três entornos: o físico (meio-ambiental); o social (criado

¹²Tradução: “O espaço é a base onde se produzem as relações sociais, permanecendo englobado dentro deste conceito tanto o meio natural como o histórico. As relações sociais se originam de forma diferencial no meio, e o tem-se organizado sobre pontos ou espaços geográficos concretos.

¹³ O sítio, objeto deste estudo, RS-T-114 será apresentado no capítulo 4.

¹⁴ Segundo Franch (1998) a Arqueologia da Paisagem é uma teoria de investigação arqueológica que cobre espacialmente os processos históricos e sociais, a partir dos padrões de assentamento, o uso da terra, a reconstituição paleoambiental e o impacto da atividade humana sobre o meio. Wagner (2004) salienta que seu

pelo ser humano e onde acontecem suas relações individuais e do grupo), e o simbólico (pensado). O autor salienta que o espaço sempre se relaciona com a representatividade, as representações sobre a concepção de natureza, tempo, espaço, e as relações entre os indivíduos e o espaço.

Ao relacionar a organização do espaço intra-sítio, deve-se compreender uma ordenação social por detrás desta. Nesse sentido as estruturas de habitação e a aldeia obedecem a essa ordenação social. Para este entendimento é necessário adentrar no espaço simbólico, presente em todas as comunidades históricas.

Portanto, o espaço escolhido para este trabalho é a Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114. O local que fora ocupado por grupos pretéritos, hoje é por descendentes de imigrantes alemães. A busca pela interpretação através da análise espacial visa trazer mais informações sobre o grupo, de organização funcional e social.

Na próxima parte, são apontadas as atividades realizadas pelos grupos Guarani, que ocuparam o local referido a mais de cinco séculos, focando a análise nas atividades de produção e consumo de cultura material.

3 O ESPAÇO GUARANI E ÁREAS DE ATIVIDADE

Pretende-se aqui discutir o espaço Guarani e suas áreas de atividade com base nos trabalhos etnográficos e arqueológicos. Esses trazem contribuições para o entendimento do espaço Guarani. Procura-se neste capítulo relacionar as áreas de atividade, com sua localização no espaço e a cultura material produzida e consumida nestes locais. Com isso, na sequência abordar o espaço Guarani no RS-T-114.

3.1 As áreas de atividade

Toda atividade humana tem por local algum espaço, sendo este físico ou simbólico. O ato de produzir e utilizar algum artefato lítico, uma vasilha cerâmica ou cultivar uma roça, são atividades características quando se fala em grupos horticultores Guarani. Ações que possuem áreas específicas, mas dentro do domínio espacial do grupo.

Binford (1985) define as áreas de atividade como locais, lugares ou superfícies em que ocorre algum evento (cozinhar, dormir, fabricar instrumentos). Podendo referir-se a atividades tecnológicas, ritualísticas e sociais.

A fim de estabelecer a funcionalidade¹⁵ de sítios arqueológicos, tem levado muitos pesquisadores a tentar localizar áreas de atividade humana. Sinopoli (1991, apud Jacques, 2007) as define como áreas onde ocorreram atividades humanas específicas. Entretanto, a

¹⁵ O presente trabalho não pretende estabelecer funcionalidades ao sítio, apesar de um dos objetivos ser a busca por áreas de atividade.

autora chama a atenção que a distribuição espacial, nem sempre mostrará com exatidão estes locais, mas pode informar sobre o comportamento humano passado.

3.2 O espaço Guarani

Antes de destacar as áreas de atividade ao nível das estruturas, é importante ter uma noção mais ampla do grupo, através de sua organização territorial. O território Guarani apresenta diferentes espaços, são eles: o *amundá*, o *teko'á* e o *guará* (Noelli, 1993; Soares, 1997). O *amundá* refere-se ao nível da aldeia. Nele acontecem as relações entre os *teyý's* (famílias extensas).

As aldeias seriam formadas por uma ou várias estruturas de habitação, cada uma abrigoando uma família numerosa. Além destas unidades habitacionais, Noelli (1993) cita a presença de estruturas anexas, que poderiam estar junto a estes espaços habitacionais ou distantes. Estas, segundo o autor (1993, p.100), seriam locais “multi-funcionais, cobertos ou não, utilizados para processar alimentos, cozinhar, depositar gêneros, instalar o tipiti, produzir objetos diversos, lazer, etc.” Na arqueologia seriam reconhecidos “como oficinas de lascamento lítico, locais de cocção de vasilhas cerâmicas, ocasionalmente contendo estruturas de combustão”.

O *teko'á* era a união de aldeias num território. Nesse os Guarani exerciam seu domínio e sua área de influência. Noelli (1993, p.113) descreve três espaços distintos: “a vegetação circundante, as roças e a aldeia”. Portanto, o *teko'á* refere-se à área onde o grupo busca os elementos necessários a subsistência. As roças onde era cultivada parte de sua alimentação, e a vegetação circundante (matas), donde provinham os materiais decorrentes das atividades de caça, pesca e coleta, bem como parte dos recursos naturais para a reprodução da cultura material. Os limites¹⁶ físicos do *teko'á* eram delimitados a partir de acidentes geográficos (cursos de água e relevo). Por fim o *guará* pode ser definido como uma nação, a partir do conjunto de *teko'á* (Noelli, 1993).

Além destes espaços (maiores), Milheira (2008, p. 28) salienta a presença de outras áreas, “com funcionalidades específicas, voltadas a exploração de recursos naturais”. Assis

¹⁶ Conforme Noelli (1993) e Soares (1997) citam que além do caráter religioso e simbólico, o *teko'a* poderia ser definido a partir de alianças políticas e status social, na relação entre aldeias.

(1996, apud Milheira, 2008, p.28) denomina estes locais como acampamentos. Segundo o autor,

Durante todo ano ou em períodos de maior abundância de produtos ambientais, grupos de pessoas de uma ou mais aldeias deslocavam-se de suas residências e acampavam as margens dessas áreas de assentamento para exploração de recursos. Nos acampamentos construíam estruturas necessárias ao convívio cotidiano e utilizavam instrumentos para o abate, manipulação, armazenamento e transporte dos alimentos.

Moraes (2007), nesse sentido, lembra que as aldeias são consideradas assentamentos base, enquanto que os acampamentos (roça, pesca e outros) correspondem a sítios com atividades específicas.

É necessário entender que este domínio espacial de um grupo Guarani, tinha como fundamentação básica a subsistência do grupo (a partir da disponibilidade de recursos naturais), tanto física como simbólica, familiar como grupal (Kreutz, 2008).

3.3 As áreas de atividade Guarani

A maioria dos trabalhos sobre as atividades dos grupos Guarani tem como origem a etnografia. Os trabalhos com dados arqueológicos privilegiaram por muitos anos apenas a cultura material, deixando a interação desta com o homem e seu ambiente num segundo plano.

Noelli (1993, p.3) faz uma crítica em relação ao desconhecimento das estruturas e áreas de atividades, não evidenciadas arqueologicamente. Para o autor:

A maioria das pesquisas de subsistência foram limitadas, refletindo desconhecimento das crônicas coloniais, da etnografia e das técnicas de resgate arqueológico de restos biológicos [...]. Enfim, constata-se da leitura de toda esta bibliografia: não houve escavações, mas somente prospecções e remoções de sedimento sem adequado registro espacial das estruturas e objetos arqueologia.

Indo de encontro a essa ideia, nos últimos anos trabalhos arqueológicos com a proposta teórica-metodológica na análise espacial, adentraram neste universo¹⁷. Pelo pequeno número de pesquisas, os resultados não apresentam uma uniformidade.

¹⁷ Entre estes trabalhos destacamos: Carle (2002), Soares (2004), Jacques (2007) e Machado (2008).

Ao tratar-se das áreas de atividade, principalmente entre os Guarani, está se lidando também com a divisão do trabalho entre os sexos. Existem atividades que somente eram realizadas pelas mulheres, enquanto outras exclusivamente pelo sexo masculino. Esta divisão também pode ser relacionada às áreas onde as diversas atividades aconteciam. Ou seja, pode-se supor¹⁸ que determinadas áreas eram predominantemente femininas e outras masculinas.

Dentro desta divisão das diferentes tarefas do cotidiano do grupo, considera-se que as mulheres tinham como atividades principais: a confecção da cerâmica, a tecelagem, o trabalho na roça¹⁹ e o trabalho doméstico (ligado a produção de alimentos). Já a caça, a pesca e a produção de artefatos (tanto de ossos, couro e principalmente líticos), eram de exclusividade dos homens (Noelli, 1993; Landa, 1995).

O *teko'á* é considerado a área de onde provinham as principais matérias-primas, utilizadas pelo grupo, tanto com o objetivo de produzir cultura material, quanto utilizada para sobrevivência, como os alimentos. Um desses locais, localizado fora do espaço da aldeia era a roça. Landa (1995, p.3) afirma que as roças se localizavam em “dois locais específicos: no entorno da aldeia e outra mais distante”. A primeira seria utilizada como ‘horta’, com alimentos utilizados no cotidiano ou que necessitavam de cuidados diários. Já a segunda, que necessitava a abertura de caminhos para ser acessada mais facilmente, era destinada ao cultivo de “produtos que necessitavam um espaço maior, como o milho e a mandioca, básicos na alimentação Guarani”.

A cultura Guarani é baseada, conforme Rodrigues e Coutinho (2002, p.164), “em um complexo econômico baseado na caça, na pesca, na coleta e, sobretudo, numa agricultura de floresta”, baseada na produção de mandioca.

Muitos dos cultivos tinham a primeira etapa do processamento na própria roça. Entre eles estava o descascamento da mandioca e a limpeza do milho. Entretanto, a localização exata destas atividades, bem como da roça, é muito difícil. Assim como a designação do local específico da caça (Landa, 1995).

Fiegenbaum (2009, p.192) ao analisar a dispersão do material lítico, evidencia duas áreas. Uma relacionada ao espaço doméstico, onde “existem lascas e outros objetos pequenos associados ao preparo e consumo de alimentos, à confecção de cerâmica e outros artigos artesanais”, e outra no entorno da planície. Nessa área, evidenciam-se artefatos de maior

¹⁸ Não se pode afirmar esta divisão de áreas, uma vez que os trabalhos nessa temática são poucos.

¹⁹ Landa (2005) salienta que apenas a primeira parte da atividade agrícola, relacionada a derrubada da mata, era uma atividade masculina.

porte, “feitos sobre blocos (machados polidos, bifaces, talhadores, mós e mãos, bolas de boleadeiras), que estariam relacionados ao cultivo, à produção artesanal maior e ao manejo agroflorestal e venatório”. Sendo assim, podendo evidenciar a localização das possíveis roças e áreas de cultivo.

A maior parte das atividades conhecidas tinha por local a aldeia. Para uma melhor descrição dessas atividades, optou-se por dividi-las em duas partes: a produção dos artefatos e o consumo dos artefatos²⁰. A primeira diz respeito à criação. Já a segunda refere-se à utilização.

3.3.1 A produção dos artefatos

Apesar da produção cultural Guarani ser muito rica e variada, depara-se apenas com alguns destes vestígios. A cultura material produzida a partir de matérias-primas vegetais e animais têm sua conservação limitada pelas condições climáticas. Os principais vestígios, e quase únicos²¹, são os materiais feitos de argila e de pedra.

Característica de grupos horticultores Guarani, a cerâmica tinha sua produção dividida em várias etapas. A argila era coletada pelas mulheres em um local ainda desconhecido para os arqueólogos. Este local, bem como a ação de coleta, envolvia muito misticismo (Silva, 2000). Segundo Landa (1995, p.53),

[...] excetuando-se a etapa de retirada da matéria-prima para a execução das vasilhas cerâmicas, as demais etapas produtivas estariam situadas no espaço da aldeia ou próximo a ela, indicando atividade feminina que é incluída entre aquelas realizadas no âmbito doméstico.

Entre as outras atividades citadas pela autora, e que tem por local a aldeia e suas proximidades, está a produção das vasilhas, a secagem e cocção²².

A secagem seria realizada em uma área abrigada de intempéries, situada nas habitações ou nas estruturas anexas. Já a cocção, era realizada em um local próximo a aldeia, com madeira suficiente. Poderia ser registrada arqueologicamente pelas “manchas pretas”, resultantes do processo de queima (fogo ou fogueira), e por situar-se fora do núcleo da aldeia

²⁰Conforme modelo proposto por Jacques (2007). Além destas divisões, a autora ainda sugere um outro processo, denominado de comunicação.

²¹Podemos citar como outros elementos materiais encontrados em sítios arqueológicos, relacionados a grupos Guarani, os vestígios arqueofaunísticos.

²² Processo de queima da vasilha. Para maiores informações ver La Salvia e Brochado (1989) e Silva (2000).

(Landa, 1995). A queima era realizada, em muitos casos, com a abertura de buracos no chão. Neles eram colocadas as vasilhas, cobertas por lenha, e após ateado o fogo²³ (La Salvia e Brochado, 1989; Silva, 2000).

Outro elemento que poderia estar relacionado ao processo de produção das vasilhas cerâmicas, são os restos de argila, identificadas como massas²⁴. Seriam resultados do processo de manufatura da cerâmica, como rejeitos (Jacques, 2007).

Machado (2008, p.139), em seu trabalho realizado na região do Rio das Antas, identificou a presença de seixos com marcas de polimento no espaço habitacional. Segundo o autor, estes seriam utilizados “para dar acabamento a algumas vasilhas cerâmicas, no momento em que elas atingem o ponto de couro”²⁵. Schmitz *et al.* (1990) afirmam que a produção da cerâmica era realizada dentro da unidade habitacional. Os autores não levantam outros dados em relação à queima das vasilhas.

O material em pedra produzido pelos grupos Guarani ainda necessita de estudo. Por muitos anos os pesquisadores, prestigiaram apenas a cerâmica, deixando o material lítico de lado (La Salvia e Brochado, 1989). Entretanto, recentes trabalhos²⁶ tiveram como objetivo a análise desse material.

Por serem pouco estudadas, as áreas de criação dos artefatos líticos (entre os Guarani) são quase desconhecidas. Machado *et al.* (2009), ao analisarem a obtenção de matérias-primas no sítio RS-T-114, citam as cascalheiras como os possíveis locais de obtenção das pedras. A manufatura inicial destas, segundo os autores, poderia ser o próprio local de obtenção da matéria-prima²⁷.

As cascalheiras, segundo Kreutz (2008, p.113), são depósitos de seixos e a principal “área de captação de recursos líticos utilizados para raspar, polir, cortar, polir, alisar, bater e talhar”.

Machado (2008, p.169) indica que “a matéria-prima para a elaboração do material lítico era depositada dentro do espaço habitacional, sendo exposta ao fogo com maior ou

²³Optou-se por não realizar, neste primeiro momento, a análise da queima nas vasilhas cerâmicas. Através desta análise é possível identificar os diferentes tipos de queima, como características dos fornos utilizados para a mesma.

²⁴Restos de argila queimada. Separam-se dos fragmentos de vasilha, devido a sua forma irregular.

²⁵Momento em que as vasilhas atingem o ponto para queima.

²⁶Cita-se Fiegenbaum (2009).

²⁷Os autores levantaram esta hipótese a partir da inexistência, até o momento, de uma área com características de oficina lítica, onde estes artefatos eram confeccionados. Outro elemento que reforça esta hipótese é a grande disponibilidade de matéria-prima.

menos intensidade, sendo também processada nestes locais”. Dentro desta linha, Soares (2004) também afirma que parte do processo de elaboração se dava dentro do espaço habitacional, ao redor de estruturas de combustão.

A produção dos objetos líticos pode ser observada a partir de resíduos de lascas, núcleos e outros detritos, refletindo ações de percussão e são indicativos de locais onde esta ação teria ocorrido. Além disso, a presença de microlascas (menores de 2cm) difíceis de serem transportadas, indicariam locais onde estes seriam fabricados e utilizados (Rosa, 2007).

Soares (2004) ressalta que as microlascas provavelmente representam o resultado involuntário de várias tentativas de lascamento. Isto devido à falta de negativos (marcas) de utilização nestas. Jacques (2007), ao analisar a dispersão das lascas, que seriam resquícios de atividades de produção, salienta que as mesmas estão em locais mais afastados, distanciados dos locais de preparo de alimentos.

3.3.2 O consumo dos artefatos

O consumo dos artefatos produzidos poderia ser realizado em diversos locais. Tanto no âmbito da aldeia quanto em outros locais, mencionados anteriormente.

Uma das principais atividades que necessitavam os artefatos produzidos pelos Guarani, era o processamento de alimentos. Alguns deles, como a mandioca, eram processados inicialmente na roça, como o descascamento do tubérculo²⁸. “A mandioca seria descascada com o auxílio de conchas afiadas” (Landa, 1995, p.78). Outros cultivos necessitavam para sua colheita de facas e machados em pedra, feitos pelos homens. Além das conchas, as lascas de pedra poderiam ser utilizadas para retirada da casca.

Na aldeia seriam processados estes alimentos numa segunda etapa. O milho era moído, com o auxílio de pilões. Já a mandioca poderia ser ralada, com o auxílio de raladores de micro-lascas cortantes. O suporte do ralador seria de madeira, entretanto este poderia ser localizado, arqueologicamente, pela aglomeração de micro-lascas. Porém, Landa (1995) indica que só estes materiais não indicariam a localização do artefato, sendo necessário o conhecimento de todo o contexto.

²⁸Landa (1995) complementa que a mandioca também poderia ser descascada na aldeia.

As atividades teriam como espaço da aldeia as áreas internas ou externas (ar livre) das estruturas. Podendo ser as casas, onde as mulheres preparavam os pratos, ou então nas estruturas anexas, onde se realizava a secagem e tostagem da mandioca (Landa, 1995).

A preparação dos pratos, através dos atos de cozinhar e assar estariam vinculados aos espaços domésticos. A presença das diferentes vasilhas com estas funcionalidades²⁹ poderia indicar onde estas atividades ocorreram, bem como, o processo de consumo e armazenagem de alimentos. Entre os outros elementos encontrados nessas áreas, referentes às atividades de preparação de alimentos, estariam conforme Landa (1995): suportes das vasilhas³⁰ e instrumentos cortantes³¹. Por fim, as fogueiras utilizadas em diversas etapas.

Silva (2000, p. 78), ao analisar etnograficamente os Asurini do Xingu, identifica as cozinhas como unidades de preparação dos alimentos, nelas:

[...] são mantidas pequenas fogueiras permanentemente em brasa, e as refeições podem ocorrer em qualquer hora do dia. Acúmulos de cinza são freqüentes nessas estruturas de cozimento que, muitas vezes, podem ser deslocadas de um lugar para outro espalhando os seus vestígios por todo o espaço da cozinha.

Um elemento importante para a preparação de alimentos (como na produção de vasilhas) são as fogueiras. Wüst (1990) lembra que estas estruturas costumam ser imóveis, e que os artefatos encontrados na suas proximidades, suporiam sua utilização nestas proximidades.

As estruturas de combustão poderiam localizar-se dentro ou fora da estrutura de habitação, e nas estruturas anexas. Como elementos encontrados nelas estariam: terra queimada, cinzas, fragmentos de carvão, fragmentos de cerâmica, lítico, ossos humanos e animal, entre outros (Noelli, 1993).

Soares (2004, p.52) diferencia as fogueiras, dos fogos e fogões.

A fogueira é o local onde se realizam fogos de maior extensão, podendo ser utilizada para cocção ou não, ou como área de lascamento. Igualmente, os fogões estariam relacionados à função cozinhar, com presença de cerâmica em seu interior e dimensões proporcionais ao número de recipientes utilizados. Os fogos, pelo

²⁹Ver capítulo 4.

³⁰“Eram confeccionados do mesmo barro utilizado para a confecção das demais vasilhas. Estes suportes poderiam ser proporcionados pela utilização de outros artefatos de cerâmica, como panelas que não serviam mais para serem utilizados” (Landa, 1995, p.98). Schmitz et al (1990), Noelli (1993), Soares (2004), Prous (2004), entre outros, acrescentam a utilização de pedras como suporte das vasilhas. Por estarem sustentadas sobre o fogo em sua maioria, estas teriam marcas de alteração térmica.

³¹“Nesta categoria estariam aqueles instrumentos que poderiam ser de osso, dentes de animais, lítico ou carapaças de moluscos que teriam como função principal cortar produtos vegetais, carnes e cascas” (Landa, 1995, p.98). Noelli (1993) também cita a utilização de moluscos nas atividades domésticas como instrumentos cortantes.

contrário, estariam associados à função aquecer e não apresentariam cerâmica ou lítico em seu interior, e seu número seria proporcional aos ocupantes da habitação. Os fogos têm dimensão reduzida, com pouca extensão espacial e pouca espessura.

As fogueiras internas apresentam cinzas, carvão, terra queimada, cerâmica ou material lítico em seu interior, sem pedras ao seu redor.

A presença de muitas vasilhas, e vasilhas com tamanhos grandes indicam, segundo Soares (1997), um maior convívio social. Isso pode significar um maior número de indivíduos, pertencentes ao local, ou arredores.

Os artefatos líticos teriam sua utilização em diversas funções e locais, alguns já comentados acima. Schmitz *et al.* (1990) citam várias formas de consumo:

Para conseguir material vegetal para construção de casas, produção de móveis, armas e utensílios, para armazenagem de lenha que manterá o fogo aceso: os artefatos principais seriam machados, machadinhas, lascas. Para manter mais tempo o calor do fogão e sustentar as panelas: pedra-de-fogão e seixos. Para múltiplos usos de cortar, furar, aplanar: lascas uni e bipolares, furadores. Preparar pequenos objetos cilíndricos ou cilíndricos apontados: alisadores em canaleta. Para desgastar material por abrasão: alisadores e estecas. Para retalhar seixos e pequenos blocos rochosos ou minerais: percutores e suportes de percussão. Para moer ou esmagar alimentos: pilão. Para produzir pigmentos vermelhos ou alaranjados: seixos aquecidos ao fogo. Cristais picoteados ou polidos: enfeites de lábio ou de nariz.

Dentro do exposto, os locais onde estas atividades ocorreriam eram variadas. Desde as roças, até o interior dos espaços habitacionais. As lascas, segundo Landa (1995), são comuns em espaços com a funcionalidade de preparação de alimento, tanto nos espaços habitacionais, quanto nas estruturas anexas.

Também são comuns, principalmente entre os Guarani, a presença de tembetás. Artefatos em quartzo polido ou picoteado, que não possuem uma utilidade relacionada a tarefas específicas, mas sim simbólicas utilizados como adornos labiais (Prous, 1989).

Acredita-se que possível identificar a localização das principais atividades Guarani, relacionadas à produção e consumo de artefatos. Entretanto, como qualquer atividade realizada por grupos humanos, estão sujeitas a particularidades e exceções. Na sequência pretende-se discutir o objeto de estudo desse trabalho, bem como apresentar e discutir o método utilizado na análise da cultura material, para posteriormente compreender a utilização do espaço compreendido como Área 2.

4 O RS-T-114 E O MÉTODO DE PESQUISA

A escolha por um método adequado é importante para o alcance dos objetivos propostos. Nesse trabalho, desde plotagens tridimensionais até a identificação, a partir da análise espacial de áreas específicas dentro da área escavada no laboratório, foram alguns dos procedimentos adotados.

Nesse capítulo apresenta-se primeiramente o objeto de estudo, o RS-T-114, a partir de sua localização geográfica e características ambientais do local. Na sequência, o método utilizado na pesquisa.

4.1 RS-T-114 no contexto regional

Objeto de estudo, o sítio arqueológico pré-colonial RS-T-114 (FIGURA 01), localiza-se na região geopolítica denominada Vale do Taquari³² no centro-leste no estado do Rio Grande do Sul. O sítio encontra-se as margens do rio Forqueta, no município de Marques de Souza/RS.

Estendendo-se, geomorfologicamente, entre o Planalto e Depressão Central, o Vale do Taquari comporta no seu relevo a Escarpa ou Encosta do Planalto, Morros Testemunhos, Patamares e Terraços Fluviais. Apresenta a formação Serra Geral na parte alta, e Botucatu na parte baixa (Justos, Machado e Franco, 1986).

³²Conforme o Banco de Dados Regional – BDR- (2008), a região é compreendida por 36 municípios, numa área de 4.821, 1 Km².

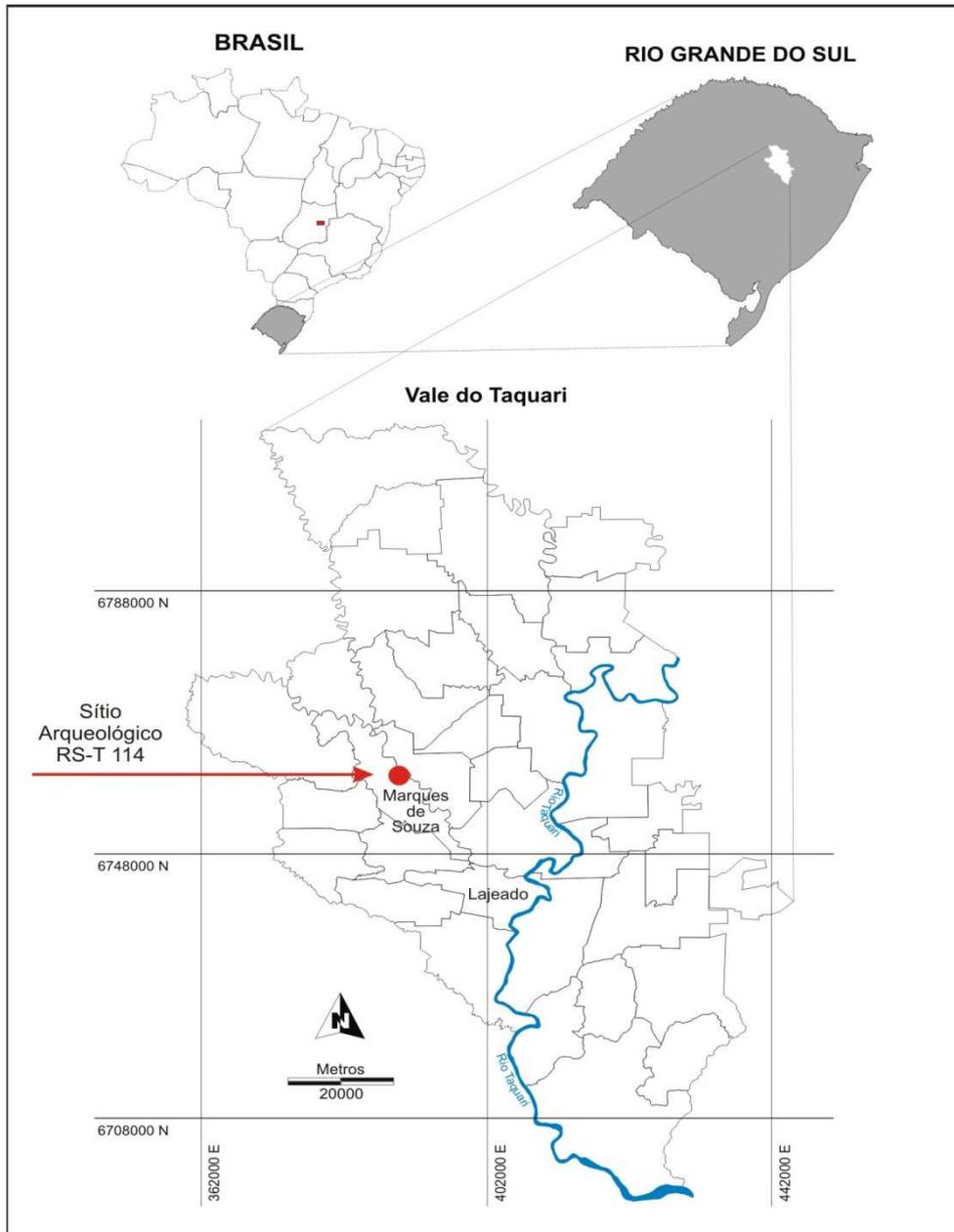


Figura 01: Localização geográfica do Vale do Taquari, com destaque ao município de Marques de Souza/RS
 Fonte: Kreutz (2008)

A hidrografia do Vale apresenta como principal recurso hídrico o rio Taquari e, entre os diversos afluentes destaca-se o rio Forqueta. A vegetação contempla a mata de pinhais e subtropical. O clima, subtropical úmido, é caracterizado por verões quentes e invernos mitigados. Temperaturas médias no verão e inverno, respectivamente, 23,2° e 12,7° (Teixeira e Neto, 1986, apud Kreutz, 2008).

A partir de trabalho realizado em Lajeado por Freitas (1999), sugere-se que a formação fitoecológica do município e da Bacia do Rio Forqueta, seja Estacional

Semidecidual. A identificação da maioria das espécies *Orchidaceae*, são típicas de regiões semidecidual.

Dentre as espécies que compõe a fauna regional, encontram-se: veado-campeiro, bugio, anta, cutia, tatu-galinha, ratão-do-banhado, porco-do-mato, paca, aracuã, saracura, inambú, mareco-do-pé-vermelho, tucano-do-bico-verde, lambari, piava, pintado, dourado, jundiá, cascudo e cara (Rambo, 2000).

4.2 RS-T-114: localização e intervenções

Como supracitado, o sítio arqueológico RS-T-114 está localizado no município de Marques de Souza/RS, na margem direita do rio Forqueta. O acesso ao local se dá pela BR 386.

O sítio encontra-se em uma extensa planície de inundação (FIGURA 02) de aproximadamente 100.000m². Conforme a tipologia topomorfológica, proposta por Moraes (2000, p.88), pode-se afirmar que se trata de um sítio em terraço fluvial. Estes sítios ocorrem em “superfícies planas, levemente inclinadas, com retrabalhamento, alçadas por ruptura de declive em alguns metros em relação ao nível d’água ou às várzeas recentes.”

A mata ciliar, na margem onde localiza-se o sítio, cobre somente a barranca e está em seguido processo de desmatamento. Apesar de se encontrarem evidências arqueológicas por toda a extensão da planície, as intervenções arqueológicas se concentram em duas áreas distintas, devido a identificação de concentrações de evidências na Área 1 e na Área 2, objeto deste estudo.

Os dois locais estão distantes aproximadamente 30 metros. Sendo que a Área 1 está localizada ao sul da Área 2, no talude do rio. O local apresenta uma camada de solo escurecido³³, que associado a evidências arqueológicas, é indicativo de atividades humanas pretéritas. Foram identificados fragmentos de cerâmica, líticos e vestígios arqueofaunísticos.

³³ Normalmente este solo é conhecido como solo antropogênico, e é formado pela decomposição de material orgânico.

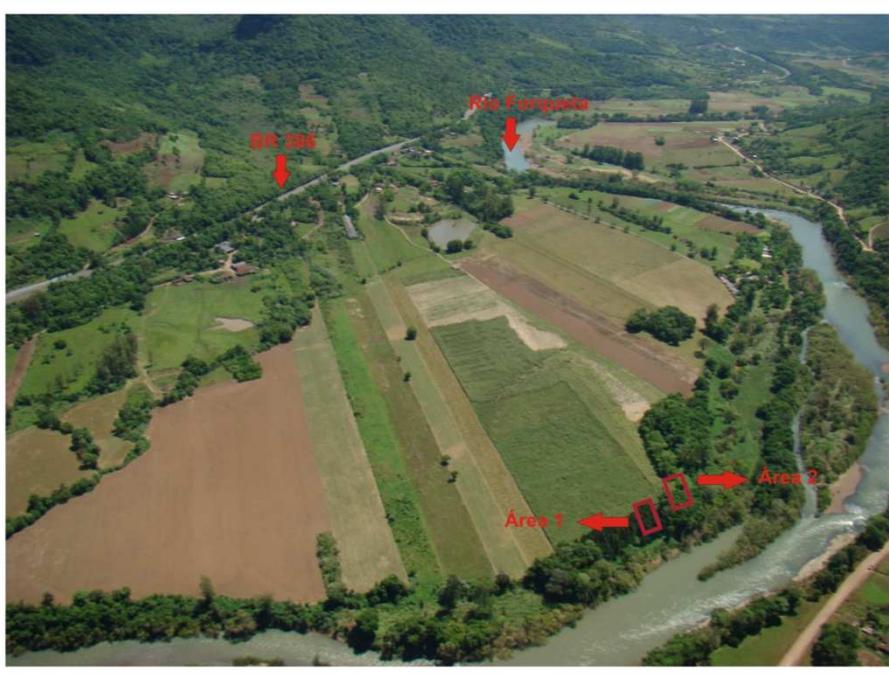


Figura 02: Planície de inundação onde se localiza o RS-T-114.
 Fonte: alterado pelo autor a partir de Setor de Arqueologia (2010)

Já a Área 2 (FIGURA 03) está localizada junto a planície de inundação, onde o relevo apresenta uma maior planitude, diferente da outra área onde ocorre um declive acentuado. Tem como ponto zero na coordenada UTM 22 – 391292 E de Longitude e 676047 N de Latitude, a 65m de Altitude.

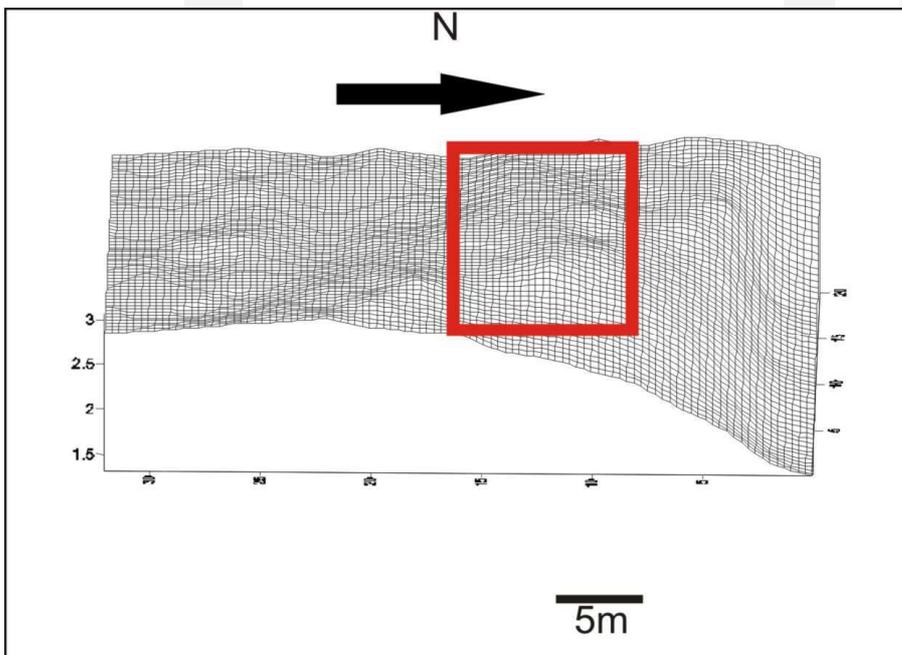


Figura 03: Topografia do terreno, com destaque para a Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114
 Fonte: elaborado pelo autor (2010)

4.3 Método em campo

A metodologia de campo está relacionada às atividades em laboratório. A opção por um método adequado deve levar em consideração os objetivos propostos pela pesquisa. Além disso, a escavação significa a destruição do sítio. Ou seja, para se atingir os níveis inferiores, os materiais encontrados nos níveis superiores são recolhidos, isolados do seu contexto (Laet, 1986, apud Carle, 2002).

As intervenções arqueológicas no RS-T-114 iniciaram-se no ano de 2005, com a escavação da Área 1, no talude do rio, em forma de escalonamento. As etapas de escavação seguiram-se nos anos de 2006, 2007, 2008 e 2009.³⁴

Já a Área 2, sofreu as primeiras intervenções arqueológicas no mês de outubro de 2006 (FIGURA 04), com a escavação de uma área de 2 x 2m, dividida em quatro quadrantes de 1m x 1m (A, B, C e D) (FIGURA 05). Estes foram escavados pela técnica da decapagem, acompanhando os níveis naturais do solo. Nenhuma concentração de material associada a alguma estrutura foi identificada. Foram encontrados fragmentos de cerâmica e lascas de quartzo e calcedônia. A profundidade atingida variou entre 8 e 25cm.



Figura 04: Primeira intervenção na Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114, em outubro de 2006
Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates (2006)

³⁴Para maiores informações sobre as intervenções na Área 1, ver Fiegenbaum (2009).

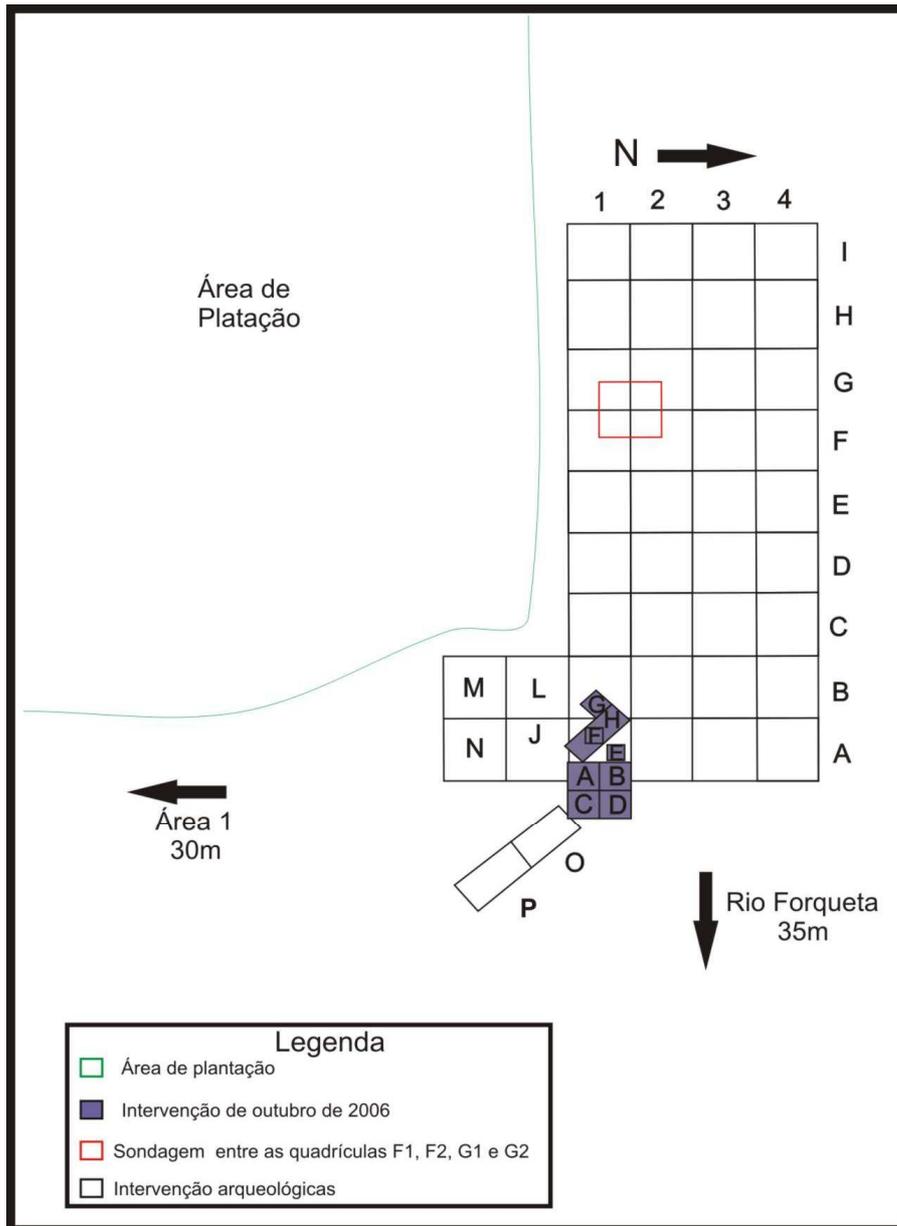


Figura 05: Croqui das intervenções arqueológicas realizadas na Área 2, do sítio arqueológico RS-T-114. Intervenções desde outubro de 2006. Sem escala.

Fonte: alterado pelo autor a partir de Setor de Arqueologia (2010)

Na mesma oportunidade foram realizadas duas sondagens, denominadas E e F, Localizadas a oeste dos quadrantes anteriores. Com dimensões de 60 x 60cm, a sondagens atingiram a profundidade de 40cm. Entretanto, em nenhuma delas foi destacada uma camada arqueológica distintas.

Ainda foram abertas outras duas sondagens, G (70 x 70cm) e H (180 x 80cm). A sondagem H sobrepôs a sondagem F, enquanto que a G foi realizada a sudoeste da H. Em ambas, a profundidade atingida foi de 40cm, sem a identificação de uma camada de solo antropogênica visível na estratigrafia.

Tendo como base estas intervenções, em dezembro de 2007 (FIGURA 06) decidiu-se pela escavação de uma área maior. Delimitou-se um espaço de 18 x 8m, dividido em quadrículas de 2 x 2m. Nessa intervenção foram decapadas quadrículas alternadas, deixando um testemunho entre elas. Essa metodologia possibilitou uma visualização parcial da distribuição e concentração das evidências. As profundidades variaram entre 10 e 22cm, sem a identificação de nenhuma estrutura arqueológica.

Com o objetivo de registrar cada objeto em campo, a fim de compreender o contexto, optou-se pelo método de plotagens tridimensionais, nos materiais evidenciados a níveis superiores a 10cm, como fundamento básico a localização de cada material, dentro do espaço do sítio. Assim, toda evidência é registrada individualmente (com um número), a partir de três coordenadas: x, y e z. As duas primeiras referem-se a posição horizontal. Já a coordenada z, diz respeito à posição vertical do objeto. Ou seja, a profundidade deste em relação ao nível do solo. Após esta etapa, as evidências foram acondicionadas em sacos plásticos, individualmente, identificados por um número. Em planilha, estes mesmos números apresentam as coordenadas tridimensionais.



Figura 06: Vista da escavação de dezembro de 2007 na Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114
Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates (2007)

Em dezembro de 2008 (FIGURA 07), a intervenção se concentrou nas quadrículas que não haviam sido escavadas no ano anterior, bem como, naquelas que apresentaram uma maior concentração de material. Optou-se também pelo aumento da área com a abertura de mais 4 quadrículas (J, L, M e N), cada uma com a dimensão de 2 x 2m, totalizando uma área de 4 x 4m.

Além disso, foi realizada uma sondagem no lado leste da área, em direção ao rio. Esta sondagem de 4 x 1m, foi dividida em dois quadrantes (O e P), com a dimensão de 2 x 1m. O material evidenciado nesta sondagem esteve concentrado nos primeiros 40 cm. Não foi evidenciada nenhuma alteração na estratigrafia da área.

Acompanhando a dispersão da cultura material, após a primeira intervenção, foi realizada uma sondagem (2 x 2m) entre as quadrículas: F1, F2, G1 e G2. Ao alcançar a profundidade de 40 cm (em relação ao nível de solo inicial), foi evidenciada uma coloração escura no solo, com a identificação de carvões e cinzas, associadas a cerâmica e lítico. Caracterizando uma possível área de combustão (fogueira, fogo ou fogões)³⁵.



Figura 07: Sondagem entre as quadrículas F1, F2, G1 e G2. Nesta área apareceram vestígios (cinzas, carvão, cerâmica e lítico) associados há uma camada de solo escurecida, possivelmente indicando uma área de combustão

Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/Univates (2008)

³⁵Ver capítulo 3.

Na última intervenção, analisada neste trabalho, em dezembro de 2009, continuou-se a escavação, principalmente no entorno da possível estrutura de combustão, evidenciada anteriormente. Constatou-se a intensificação desta mancha de solo mais escura.

Optou-se por realizar uma sondagem (50 x 200cm) na quadrícula J. Constatou-se material nos primeiros 30 cm de profundidade. Além disso, foram evidenciadas manchas de solo escuro (FIGURA 08), associadas a fragmentos de carvão, entretanto sem a presença de vestígios cerâmicos e líticos no seu interior, nem entorno.



Figura 08: Pequenas manchas de solo escurecido verificadas na quadrícula J, sem a presença de vestígios cerâmicos e líticos

Fonte: Setor de Arqueologia/MCN/UNivates (2009)

Deve-se salientar que a Área 2 (FIGURA 09) apresentava árvores e evidências arbóreas (tocos de árvores). Esses elementos podem acabar modificando a distribuição espacial da cultura material, tanto aglomerando como afastando as evidências.

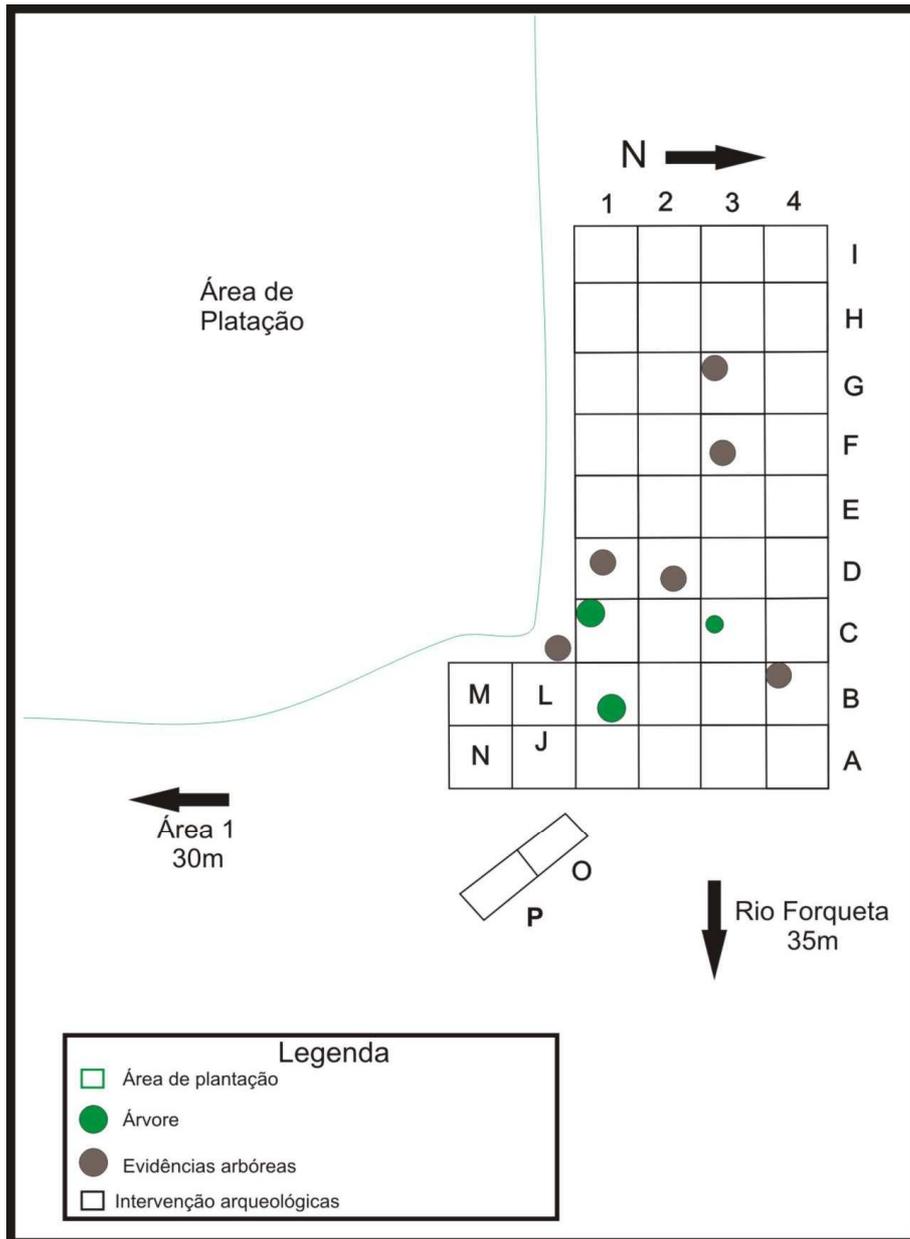


Figura 09: Croqui da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114, com a localização das árvores e evidências arbóreas (tocos de árvores). Sem escala

Fonte: elaborado pelo autor (2010)

Em uma última visita ao local, verificou-se a remoção das árvores localizadas na Área 2, devido a enchente do Rio Forqueta em janeiro de 2010, bem como parte da vegetação no talude. Segundo informações do proprietário, foi a maior enchente presenciada pela família.

O evento torna-se mais pertinente ao compararmos a disponibilidade de recursos, principalmente do rio. Uma das alterações identificadas, em visita ao local, diz respeito à cascalheira que localizava-se em frente ao sítio. Devido a enchente o local encontra-se coberto por sedimentos.

4.4 Procedimentos metodológicos em laboratório

Como o foco de estudo é a dispersão espacial da cultura material, trabalha-se somente com as evidências plotadas, desconsiderando as coletas superficiais³⁶ e as sondagens³⁷ realizadas na área.

Após a etapa de escavação, o material foi limpo e catalogado. Na sequência procedeu-se análise do material, tanto cerâmico quanto lítico.

A pesquisa em laboratório compreendeu a classificação tipológica das evidências líticas e cerâmicas. Apesar de muitos arqueólogos desconsiderarem esta metodologia, na análise espacial, os diferentes pontos (a cada peça) devem ser identificados de forma única. Porém, um estudo centrado somente nos números e forma dos fragmentos, torna-se rígido.

Morales (2007) acredita que a junção das análises tipológicas com informações do contexto espacial e ambiental, possibilitam o alcance a interpretações mais detalhadas sobre a organização social dos que viveram no local.

4.4.1 A análise do material arqueológico

Principal evidência estudada em sítios associados à Tradição Tecnológica Tupiguarani, a cerâmica pode ser analisada por diferentes metodologias. A mais utilizada no Brasil é a quantificação e caracterização dos fragmentos (Schneider, 2008).

Para a análise da coleção dos fragmentos de cerâmica provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114, optou-se num primeiro momento pela caracterização, quantificação e identificação das diferentes funcionalidades das vasilhas. Entre os trabalhos utilizados para esta análise estão: Chymz (1966, 1969), Brochado (1977), La Salvia e Brochado (1989), Meggers e Evans (1970), Schmitz *et al.* (1990), Rogge (1996, 2004), Oliveira (2008), Schneider (2008)³⁸ e Fiegenbaum (2009)³⁹. Estes dois últimos, ligados a sítios da região do Vale do Taquari.

³⁶Considerou-se como material procedente de coleta superficial, as evidências localizadas até 10cm da superfície.

³⁷Poços teste a fim de identificar a estratigrafia (diferentes níveis de solo) e o potencial arqueológico da área.

³⁸Schneider (2008) trabalhou com o sítio RS-T-101 localizado a 4km de distância do sítio aqui apresentado. A pesquisadora identificou a partir de análise a coleção de bordas as diversas vasilhas e funcionalidades destas.

A primeira etapa consiste na separação dos fragmentos quanto a parte da vasilha que representam. São partes da vasilha: a borda, as paredes e o fundo (base).

As bordas referem-se a parte superior da vasilha (boca ou abertura do vaso). São reconhecidos pela presença de um lábio bem alisado em uma das extremidades. As paredes referem-se ao corpo da vasilha. São reconhecidas pela presença de quebras nas extremidades. O fundo/base referem-se a parte da vasilha que possui contato com o solo, onde a mesma se sustenta. Pode apresentar diversas formas: planas, côncavas, plana-côncavas, arredondadas, anelar, quadrada, cônica, em pedestal ou polípoda⁴⁰. Entretanto, alguns fragmentos apresentam a borda, a parede e a base, perfazendo assim, todo o contorno da vasilha.

Além da identificação do tipo de fragmento, relaciona-se este com o seu tratamento de superfície⁴¹. Também conhecido, entre alguns arqueólogos, como a decoração da vasilha. Entretanto a diferenciação entre o entendimento como ato decorativo ou como parte do processo produtivo é de difícil distinção (Schneider, 2008). Este tratamento pode ser identificado na face interna, quanto externa da vasilha. Normalmente a superfície interna, das vasilhas, apresenta-se alisada ou pintada.

Conforme seu tratamento de superfície os fragmentos podem ser separados em: corrugado, ungulado, pintado internamente, pintado externamente, alisado, roletado e escovado⁴². Ainda encontram-se junções de tratamentos, onde os fragmentos apresentam dois ou mais tipos destes (Schneider, 2008).

Apesar de não ser considerado um tratamento de superfície, devido a sua intencionalidade, alguns fragmentos foram classificados como erodidos. Nesses, o grau de conservação da vasilha, ou dos fragmentos, não possibilitou a identificação do tratamento de superfície, devido a seu desgaste por fatores pós-deposicionais ou pelo intenso uso dos recipientes.

Um segundo passo da análise privilegia os fragmentos de bordas, com o objetivo de identificar a possível funcionalidade das vasilhas correspondentes a estas.

³⁹Já Fiegenbaum (2009), teve como objeto de estudo o sítio RS-T-114. Nele o pesquisador analisou a cultura material proveniente da Área 1, Área 2 (intervenção de 2006 e 2007) e da planície de inundação, recolhida pelo proprietário durante o cultivo. O trabalho torna-se pertinente a medida que traz no estudo a análise de uma vasta coleção de materiais líticos, identificando marcas de uso e encabamento. Além do material lítico, Fiegenbaum trabalhou com os fragmentos de vasilhas cerâmicas e vestígios arqueofaunísticos.

⁴⁰Ver La Salvia e Brochado (1989).

⁴¹Schneider (2008, p.21) considera o termo como “a caracterização do processo de acabamento da superfície dos fragmentos, tanto externa quanto internamente”.

⁴²Para maiores informações sobre estes tratamentos ver La Salvia e Brochado (1989) e Schneider (2008).

O diâmetro (tamanho da circunferência) é medido a partir do bordomêtro. Com esta medida é possível inferir sobre o tamanho das vasilhas. Conforme trabalhos (Rogge, 1996, Soares 1997, 2004), o tamanho das vasilhas encontradas pode trazer informações sobre a funcionalidade e temporalidade de ocupação do sítio.

A reconstituição das vasilhas, e sua possível funcionalidade, são obtidas a partir do desenho e forma das bordas. Para uma reconstituição mais fiel, é necessária a presença de todas as partes da vasilha: borda, parede e base. Ao mesmo tempo, os fragmentos de borda muito pequenos (menores de 5cm) podem ser passíveis de erro na classificação.

Assim, as bordas foram desenhadas, e tratadas graficamente a partir do programa *Corel Drawn X4*, para uma melhor visualização da forma.

Brochado (1977) e Rogge (1996) observam que as vasilhas cerâmicas da Tradição Tecnológica Tupiguarani podem ser subdivididas em quatro classes: panelas, tigelas, jarros, pratos ou assadores.

Consideram-se panelas os recipientes cuja altura é maior ou igual ao diâmetro máximo, algumas vezes a abertura superior é mais ou menos adstrita. Seriam utilizadas para o preparo de alimentos ao fogo. As tigelas seriam recipientes, na qual a altura é igual ou menor que o diâmetro máximo. Os jarros têm altura maior ou igual ao diâmetro máximo do bojo, apresentando constrição maior na porção superior, formando um gargalo. Utilizados geralmente para armazenar líquidos. Por fim os pratos ou assadores possuem a altura muito menor do que o diâmetro, com a base plana ou muito aplanada.

Estas classes estão relacionadas a atividades específicas: o preparo, o consumo e o armazenamento de alimentos. Entretanto, como afirma Schneider (2008, p.24), estas denominações podem gerar confusão. “Um prato não é usado somente como objeto que contém o alimento que será consumido, podendo ser usado para servir, o que seria papel de uma tigela. Deste modo a forma deveria apresentar somente as características físicas dos objetos.”

Além disso, deve-se ter a dimensão de que a funcionalidade da vasilha pode alterar ao longo de sua vida útil. Panelas podem substituir pratos e tigelas, dificultando assim a reconstrução das formas de consumo.

Utilizou-se como referência para a relação entre as formas das bordas e a reconstituição morfológica das vasilhas (FIGURAS 10 e 11), o modelo elaborado por Fiegenbaum (2009)⁴³.

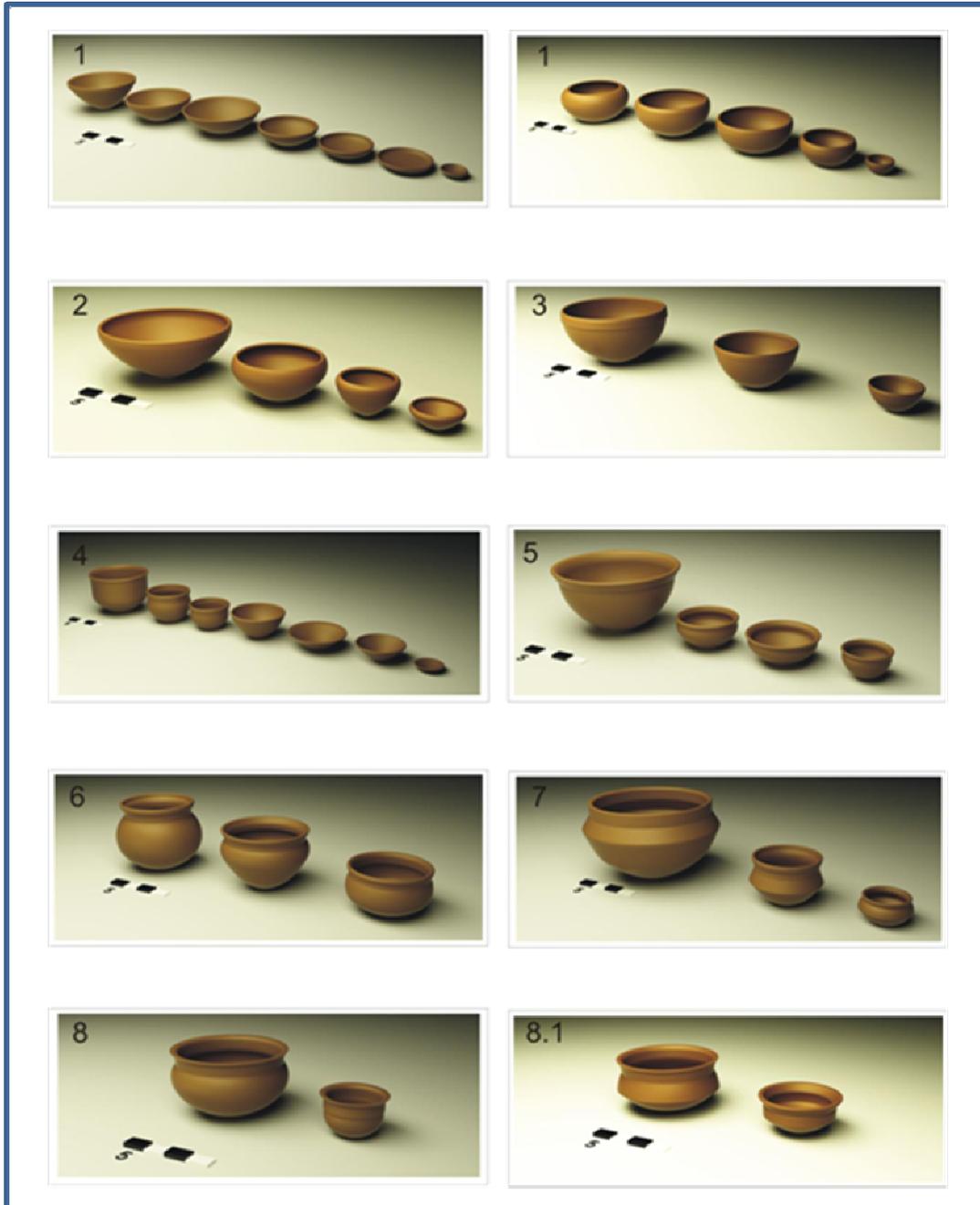


Figura 10: Conjuntos de vasilhas tupiguarani reconstituídas por Fiegenbaum (2009), para o sítio RS-T-114. Fonte: Fiegenbaum, 2009, p. 126

⁴³Justifica-se a adoção deste trabalho pela relação entre as áreas estudadas, pertencentes ao mesmo sítio arqueológico.

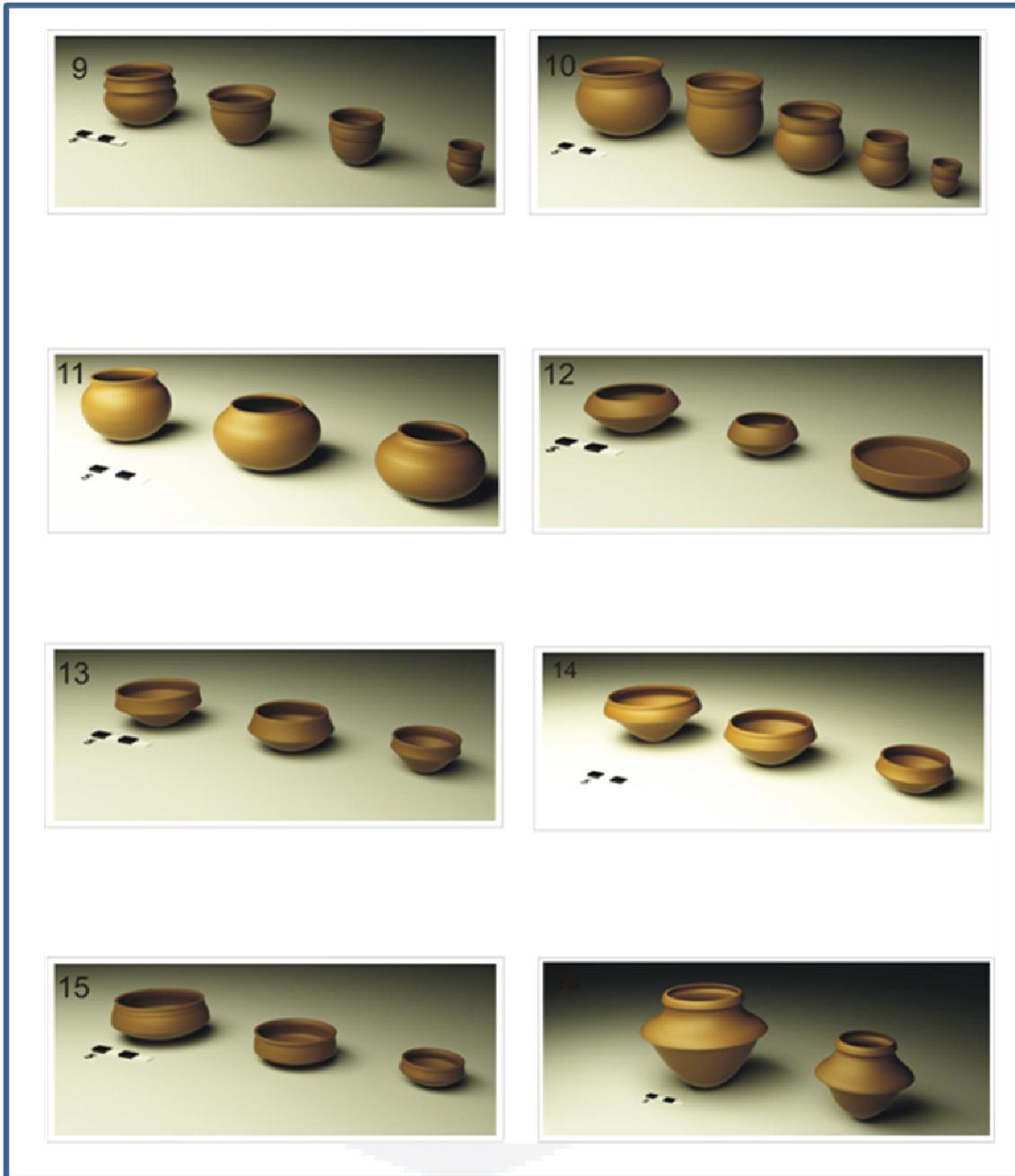


Figura 11: Conjuntos de vasilhas Tupiguarani reconstituídas por Fiegenbaum (2009), para o sítio RS-T-114.
 Fonte: Fiegenbaum, 2009, p.127

Conforme Fiegenbaum (2009, p.121) :

Os vasilhames correspondentes aos conjuntos 1, 2, 3, 4 e 5 enquadram-se na categoria de pratos, tigelas e assadores. Os pratos e tigelas correspondem a vasilhas com função de servir e consumir alimentos; as tigelas pequenas poderiam ser usadas para bebidas. Já os assadores são característicos por se apresentarem maiores e mais rasos, com bordas muito reduzidas. Os conjuntos 6, 7, 8, 9, 10 e 11 estão associados à categoria de panelas, com função de cozinhar alimentos. Essa característica inclui o estreitamento do gargalo, que impediria a fuga do calor. Já os conjuntos 12, 13, 14, 15 e 16 são representados por uma complexidade maior. A grande maioria teria utilização como tigelas para servir alimentos sólidos e líquidos. Apesar de a grande maioria se apresentar pintada na porção externa, alguns desses vasilhames poderiam ser usados no fogo.

Decidiu-se não adentrar em outros aspectos de análise da cerâmica, possíveis na coleção. Entre eles o modo de produção, a queima, o estudo do antiplástico, bem como a composição química da cerâmica (para comparação com o solo da região).

Com relação ao material lítico optou-se por primeiramente analisar e classificar as evidências a partir de uma ficha tipológica. Como referenciais, para a caracterização e quantificação, utilizou-se de bibliografias sobre o assunto. Apesar de pouco investigado, o material lítico Guarani, apresenta-se como uma importante ferramenta para o entendimento destes grupos. Entre os trabalhos destacados estão: Prous (1986/1990, 2004), Rogge (1996), Schmitz *et al.* (1990), Laming-Emperaire (1967) e Fiegenbaum (2009).

Um dos primeiros aspectos a serem analisados está a matéria-prima. A matéria-prima, segundo Fiegenbaum (2009, p.131), é “importante para inferir os possíveis locais de aquisição, bem como o uso de determinadas técnicas de produção, levando em conta o tipo de matéria-prima empregado.”

Entre as rochas utilizadas, Fiegenbaum (2009) identificou a presença de basalto, quartzo, calcedônia, arenito friável e arenito silificado. A maioria destas é decorrente de derramamento vulcânico.

Além da matéria-prima, a cultura material lítica é caracterizada quanto a sua tipologia. Esta pode ser: seixo, lasca, núcleo, cristal (somente quartzo) e fragmeto.

Os seixos, conforme Rogge (1996, p.102) “são o resultado da ação carreadora dos fluxos d’água (principalmente canais fluviais), cuja ação abrasiva dá-lhes um aspecto sub-arredondado e intensamente polido.”

Para Prous (1986/1990) uma lasca é um fragmento destacado, por percussão, de um bloco de rocha, de um seixo, etc. Podem ser divididas em unipolares e bipolares. As lascas unipolares, decorrentes de um lascamento unipolar, onde o “artesão ou o experimentador segura um bloco (= núcleo) de matéria-prima em uma das mãos. Escolhendo uma superfície adequada, o plano de percussão bate nesta para retirar uma lasca do bloco.”

Já as lascas bipolares são caracterizadas por Fiegenbaum (2009), como portadoras de dois pontos de percussão opostos entre si, com espessura fina e formas retangulares. Prous (1986/1990) expõe como exemplo: um bloco a ser lascado é colocado sobre outra rocha (seixo ou bloco) e em seguida golpeado violentamente pelo batedor.

Tanto as lascas uni quanto bipolares podem ser identificadas pelas cicatrizes, decorrentes da atividade de lascamento. Entretanto, muitas lascas podem ter como origem o contato com o fogo. Estas são de fácil identificação, devido a suas alterações na coloração.

Os núcleos são classificados por Prous (1986/1990) como refugos de lascamento, ou seja, decorrentes de um processo de retirada de lascas. Segundo o autor (p.37) é “um bloco de matéria-prima, preparado para que dele se possa tirar, uma ou uma série de lascas”. Podem ser unipolares, quanto bipolares.

Schmitz *et al.* (1990) definem os núcleos bipolares por apresentarem dois pontos percussão, bem como cicatrizes de lascamento, em dois sentidos.

Os cristais podem ser reconhecidos pelas suas formas poliédricas⁴⁴ e por seus planos de clivagem, lisos e retilíneos Laming-Emperaire (1967).

Por fim são considerados fragmentos, as evidências que não se enquadram em nenhuma das categorias acima descritas.

O último ponto da análise visou à identificação de marcas antrópicas nestes. Foram consideradas: marcas de uso, polimento (Fiegenbaum, 2009), além de marcas do fogo. As últimas não estão integralmente ligadas ao uso, mas indicam uma ação humana, podendo ser ocasional quanto proposital.

As marcas de fogo são vestígios importantes da atividade humana, conforme Prous (1986/1990, p. 14-16). “Podem indicar a localização de fogueiras em lugares onde a erosão levou embora carvão e cinzas, mais leves.” As alterações provocadas pelo fogo variam nas diferentes matérias-primas. “Oxidação da superfície, que se torna vermelha quando a rocha é rica em elementos ferrosos; rachamento, lascamentos, aquisição de um brilho interno de aparência oleosa, etc.”

Dentro destas características enquadram-se as pedras-de-fogão. Para Rogge (1996, p.105), são “blocos ou seixos que apresentam fraturamentos característicos de exposição ao fogo, o qual produz linhas de fraturas irregulares, de aspecto rugoso, sendo que a rocha usualmente apresenta capa de alteração”. Poderiam estas pedras, conforme o autor, demarcarem áreas de fogueiras no interior da habitação.

⁴⁴Várias faces.

O polimento pode ser visualizado em pequenos seixos, por exemplo. Para Prous (1986/1990), estes são classificados como polidores manuais. Esfregados sobre superfícies de objetos a serem finalizados ou afiados, com faces polidas pelo uso.

Os polidores, objetos que seriam utilizados para o polimento, seriam de acordo com Schmitz et al (1990, p.19), caracterizados por “possuírem superfícies planas e planas-côncavas; em algumas peças o polimento apresenta-se em mais de uma face.

Para a identificação de marcas de uso e polimento, fez-se o uso de uma lupa binocular.

4.4.2 A análise espacial

Após a caracterização da cultura material procedeu-se a análise em torno da dispersão desta, pela área escavada.

O trabalho com espacialidade em sítios arqueológicos requer alguns cuidados quanto à dispersão das evidências, influenciadas pela formação do registro arqueológico. Milder (2000) e Jacques (2007) ressaltam a atuação de fatores pós-deposicionais no registro arqueológico.

A floraturbação é um destes fatores. Ela está relacionada à flora (florestas) sobre o registro arqueológico. Segundo Milder (2000, p.164) “a floraturbação é um [...] elemento atuante em sítios de planície de inundação que, na maioria dos casos possuem florestas de galeria”. Ao passo que vários anos se passaram desde a ocupação pré-histórica da área, a floresta recobriu o registro arqueológico por séculos. Árvores e raízes cresceram, morreram e tombaram sobre o local. Interferindo assim na distribuição da cultura material.

Jacques (2007) chama a atenção para outro “vilão” da análise do espaço, o arado. Como já exposto acima, a ocorrência destes sítios em planícies de inundação é comum. Atualmente estas áreas⁴⁵ são cultivadas em sua maioria por descendentes de imigrantes europeus, que se estabeleceram na região por volta da metade do século XIX. Cultivando estas áreas à aproximadamente 150 anos.

Entretanto, o fato de se trabalhar em uma área relativamente plana favorece a análise da dispersão das evidências arqueológica, como explica Jacques (2007, p.28).

⁴⁵ Apesar do proprietário da área em estudo afirmar que a mesma não fora utilizada para fins agrícolas, com a utilização do arado, a ocorrência de evidências depositadas no sentido vertical sugere questionamentos.

Argumenta-se, que nas áreas planas, (...), a dispersão do material é menor e sua distribuição mantém o padrão original de deposição dos objetos no solo, pois todo o sedimento é deslocado de forma regular para um dos lados e provavelmente relocado quando o arado passa em direção contrária.

Como a floraturbação e o arado podem influir no registro arqueológico, também não podemos descartar a própria ação humana. Comportamentos como limpar o refugo de atividades ou varrer, depositando o lixo em locais específicos destroem as características de atividades nas áreas. Assim o homem pode “espalhar, concentrar e dispersar os artefatos horizontalmente de acordo com o seu tamanho, em superfícies de ocupação e também verticalmente, em depósitos” (Stevenson, 1991, apud Jacques, 2007, p.90).

Silva (2000) cita o descarte realizado pelos Asurini do Xingu. Segundo a autora, periodicamente, as áreas de cozinha e de descanso são varridas e uma grande e variada quantidade de materiais é depositada nas áreas de descarte (cacos de cerâmica, restos de alimentos, objetos de cestaria, materiais industrializados, etc). Assim observa-se uma mudança na distribuição espacial desta cultura material, ao passo que ela não se localiza mais em seu contexto de utilização.

Observando-se estes elementos, os pontos referentes às evidências arqueológicas, decorrentes das plotagens tridimensionais, foram inseridos em uma prancha no programa *Golden Software Surfer 8.0*. Na sequência procedeu-se a identificação destes pontos, a partir da utilização de símbolos distintos, para cada um dos tipos de elementos verificados na análise acima descrita.

Além da visualização total, foram confeccionados mapas com a distribuição das vasilhas (identificadas a partir das bordas), material lítico com marcas de fogo, polimento e uso. Por fim estes dados foram confrontados com as informações sobre o espaço Guarani e suas áreas de atividade.

No próximo capítulo são apresentados os dados da cultura material evidenciada nas intervenções, bem como sua dispersão no espaço, para posterior identificação de possíveis áreas de atividade.

5 A CULTURA MATERIAL NO ESPAÇO

Neste capítulo tem-se como objetivo apresentar a cultura material proveniente da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114, bem como sua dispersão no espaço escavado. Junto com esta distribuição espacial pretende-se delinear sobre as possíveis funcionalidades do espaço, a partir da cultura material identificada. Optou-se por separar a análise da cerâmica do material lítico, possibilitando assim uma visualização da dispersão.

5.1 A distribuição de toda a cultura material

Foram analisadas 1633 evidências arqueológicas, provenientes de plotagens tridimensionais na Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114. Destas 1380 correspondem a fragmentos de cerâmica (bordas, paredes, bases e massas). Enquanto 252 referem-se a evidências líticas. Ainda foi identificada a presença de um vestígio arqueofaunístico (concha de molusco bivalde⁴⁶), na quadrícula E3 (FIGURA 12).

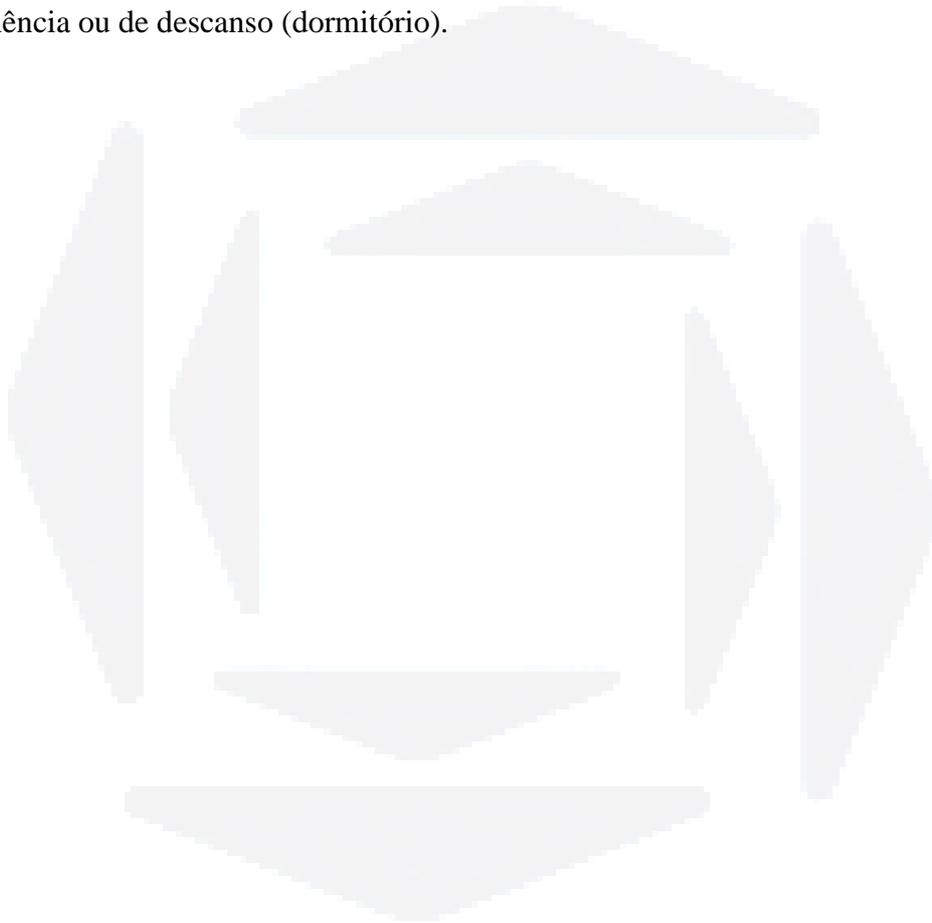
Verifica-se a partir da distribuição espacial da cultura material, uma concentração nas proximidades da área de combustão (quadrículas G1, G2, F1 e F2). Também se visualiza outra concentração significativa de material nas quadras localizadas próximas ao talude (quadrículas A1, A2, B1 e B2).

Apesar da identificação de pouca ou nenhuma evidência em muitas quadrículas, é possível inferir sobre a dispersão no espaço. As atividades de campo privilegiaram num

⁴⁶Nome científico: *Diplodon sp.*

segundo momento, após a abertura de todas as quadrículas, aquelas cuja concentração de cultura material se apresentou mais intensa.

Se a concentração de material destaca-se, os espaços “vazios” também devem ser mencionados. Observa-se na quadrícula G2, no seu lado leste, um espaço vazio de aproximadamente 1m², sem nenhum material registrado. Pode-se supor que o local sofreu alterações de ordem antrópica. Ou então, a ocorrência de uma atividade que não deixou qualquer vestígio ali, mas no seu entorno, como uma área de combustão, uma área de permanência ou de descanso (dormitório).



Legenda

- + parede alisada
- + parede corrugada
- + parede unzulada
- + parede erodida
- + parede alisada pintada internamente
- + parede alisada pintada externamente
- + parede corrugada-unzulada
- + parede corrugada-alisada
- + parede corrugada pintada internamente
- borda alisada
- borda alisada pintada internamente
- borda corrugada
- borda erodida
- borda unzulada
- borda alisada pintada externamente
- borda corrugada-unzulada
- borda corrugada-alisada
- borda corrugada pintada internamente
- base
- massa
- ◇ seixo de basalto
- ▲ seixo de basalto lascado
- ◆ seixo de basalto quebrado
- fragmento de basalto
- ▼ lasca unipolar de basalto
- ◇ lasca de basalto
- ◇ cristal de quartzo
- núcleo bipolar de quartzo
- ▲ lasca bipolar de quartzo
- ★ tembetá de quartzo
- núcleo unipolar de arenito silicificado
- ◆ lasca de arenito silicificado
- ◇ seixo de calcedônia
- núcleo bipolar de calcedônia
- núcleo unipolar de calcedônia
- ▲ lasca bipolar de calcedônia
- fragmento de calcedônia
- fragmento de arenito friável
- × vestígio arqueofaunístico

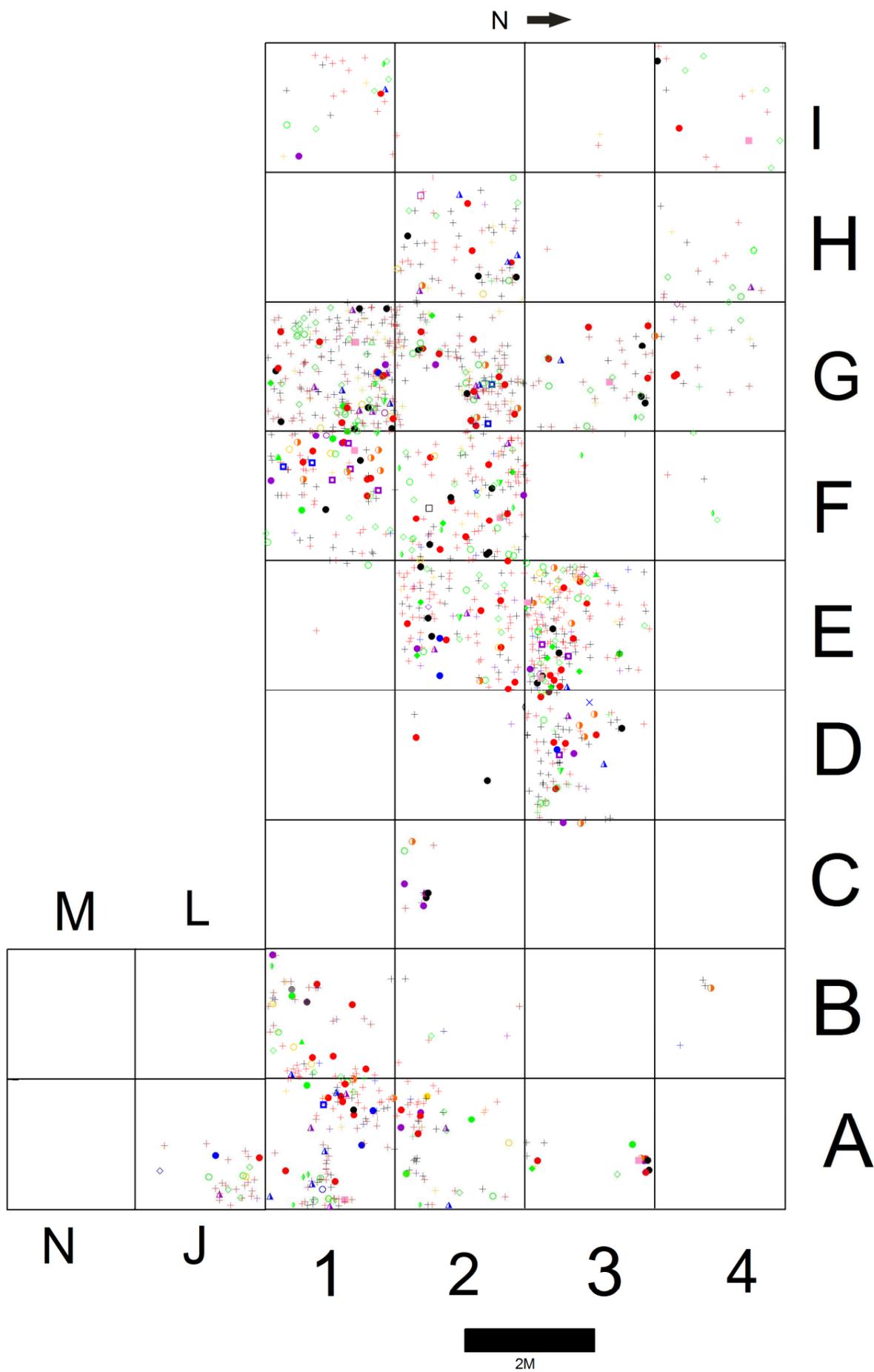


Figura 12: Distribuição espacial de todas as evidências arqueológicas, com registro tridimensional, provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114.
 Fonte: elaborado pelo autor

5.2 A cerâmica

A cerâmica identificada é característica da Tradição Tecnológica Tupiguarani. A maior parte dos fragmentos é representada por paredes, na sequência bordas e bases. Ainda foram identificados fragmentos classificados como massas.

Com relação ao tratamento de superfície, o corrugado predomina em aproximadamente metade dos fragmentos. Ainda constatou-se a ocorrência de tratamentos ungulado, alisado, pintado internamente, pintado externamente, corrugado-ungulado, corrugado pintado internamente e corrugado-alisado.

Tabela 01: Quantificação dos fragmentos de parede e borda, com relação ao tratamento de superfície

Tipo de fragmento/ Tratamento de superfície	Borda	Parede	Total
Corrugado	87	580	667
Alisado	35	391	426
Pintado externamente	19	45	64
Pintado internamente	8	39	47
Ungulado	11	27	38
Corrugado-ungulado	1	5	6
Corrugado-alisado	1	2	3
Corrugado pintado internamente	1	2	3
Erodido	1	88	89
Total	164	1179	1380

Fonte: elaborado pelo autor.

As bases estão num total de 28, enquanto que massas contemplam 9 peças.

Foram identificados fragmentos pintados tanto internamente, quanto na face externa. Os desenhos ocorrem, normalmente, sob um fundo branco, nas cores vermelhas ou pretas. Em outras ocasiões, o desenho é pintado diretamente sobre a vasilha.

A utilização intensiva das vasilhas, ou a atuação de fatores antrópicos pós-deposicionais, como árvores e animais, podem explicar a grande quantidade de fragmentos erodidos. Somente a realização de trabalhos posteriores, poderá trazer mais resultados sobre este desgaste.

Dentre os 164 fragmentos de borda, verificou-se a presença de 153 distintas. Ou seja, 153 vasilhas diferentes. Destas, em 19 identificou-se o possível diâmetro da vasilha, a partir do bordômetro. As aberturas variaram de 4cm a 43cm. Nas demais bordas, não foi possível a identificação do diâmetro da vasilha, devido ao pequeno tamanho dos fragmentos. Da mesma maneira, o pequeno tamanho dos fragmentos (- de 5cm) impossibilitou a identificação da possível funcionalidade da vasilha. Foram identificadas 46 vasilhas com funcionalidades, divididas entre as funções de servir e consumir alimentos sólidos e líquidos (conjuntos 1 a 5), cozinhar alimentos (conjuntos 6 a 11), e servir alimentos líquidos e sólidos⁴⁷ (12 a 16), conforme Fiegenbaum (2009).

O diâmetro identificado nas vasilhas (FIGURA 13), com funcionalidade estabelecida, indica uma predominância de tamanhos grandes (acima de 28cm) em recipientes enquadrados entre os conjuntos 12 a 16. Enquanto isso, nas panelas identifica-se tamanhos medianos (entre 18 e 27cm). Já o primeiro conjunto (entre 1 e 5) apresenta vasilhas pequenas (entre 12 e 17cm) e grandes, demonstrando uma variabilidade maior.

Uma borda mostrou-se diferenciada das demais, pelo diâmetro de 4cm. Segundo Jacques (2007), estas vasilhas enquadram-se na classe de miniaturas, não sendo utilizadas no cotidiano funcional. Conforme a autora, indicariam um processo de ensinamento, ou seja, como prática para confecção de vasilhas. Inicialmente seriam feitas miniaturas, para posterior fabricação de vasilhas maiores.

⁴⁷Conforme o Fiegenbaum (2009) a diferenciação entre a primeira categoria de vasilhas (1 a 5) e da última (12 a 16), deve-se a complexidade das formas, entre as categorias finais.

Tabela 02: Quantificação das vasilhas, a partir da funcionalidade e diâmetro

Conjunto das vasilhas	Funcionalidade	Número de vasilhas identificadas	Diâmetro (menor e maior) identificado
1	Servir e consumir alimentos líquidos e sólidos (pratos, tigelas e assadores)	5	14 a 39cm
2	Servir e consumir alimentos líquidos e sólidos (pratos, tigelas e assadores)	4	17 a 25cm
3	Servir e consumir alimentos líquidos e sólidos (pratos, tigelas e assadores)	2	-
4	Servir e consumir alimentos líquidos e sólidos (pratos, tigelas e assadores)	5	16 a 31cm
5	Cozinhar alimentos (panelas)	11	18 a 19cm
6	Cozinhar alimentos (panelas)	4	27cm
7	Cozinhar alimentos (panelas)	1	-
8	Cozinhar alimentos (panelas)	4	27cm
9	Cozinhar alimentos (panelas)	-	-
10	Cozinhar alimentos (panelas)	-	-
11	Cozinhar alimentos (panelas)	-	-
12	Servir alimentos líquidos e sólidos (tigelas)	3	43cm
13	Servir alimentos líquidos e sólidos (tigelas)	-	-
14	Servir alimentos líquidos e sólidos (tigelas)	1	27cm
15	Servir alimentos líquidos e sólidos (tigelas)	1	-
16	Servir alimentos líquidos e sólidos (tigelas)	5	31 a 43cm

Fonte: elaborado pelo autor.

Comparando a funcionalidade com o tratamento de superfície, percebe-se a predominância de vasilhas corrugadas entre as panelas. Apenas uma vasilha apresenta um tratamento diferenciado, o unglado. Dentre as vasilhas englobadas entre os conjuntos 1 e 5, o corrugado apresenta-se em maior número. Ainda verifica-se a ocorrência de vasilhas pintadas externamente e internamente, além de alisadas e ungladas. Já os conjuntos formados por vasilhas com um contorno mais “complexo”, sinuoso, as vasilhas pintadas predominam sobre as demais. Ainda encontram-se vasilhas alisadas, ungladas e corrugada-alisadas. Em comparação o corrugado, que representa a maioria das bordas, tem apenas uma vasilha identificada.



Figura 13: Bordas provenientes da Área 2. 1 – bordas pintadas externamente; 2 – bordas pintadas internamente; 3 – bordas corrugadas; 4 – bordas unguladas.
Fonte: elaborado pelo autor.

5.2.1 A distribuição espacial da cerâmica

Os fragmentos cerâmicos encontram-se dispersos por toda a área (FIGURA 14), com maiores concentrações nas quadrículas G1, G2, E2, E3 e A1. Os fragmentos pintados apresentam uma maior frequência na parte leste da área, próxima ao talude, em comparação a área central.



Legenda

- ⊕ parede alisada
- ⊕+ parede corrugada
- ⊕+ parede unzulada
- ⊕+ parede erodida
- ⊕+ parede alisada pintada internamente
- ⊕+ parede alisada pintada externamente
- ⊕+ parede corrugada-ungulada
- ⊕+ parede corrugada-alisada
- ⊕+ parede corrugada pintada internamente
- borda alisada
- borda alisada pintada internamente
- borda corrugada
- borda erodida
- borda unzulada
- borda alisada pintada externamente
- borda corrugada-ungulada
- borda corrugada-alisada
- borda corrugada pintada internamente
- base
- massa

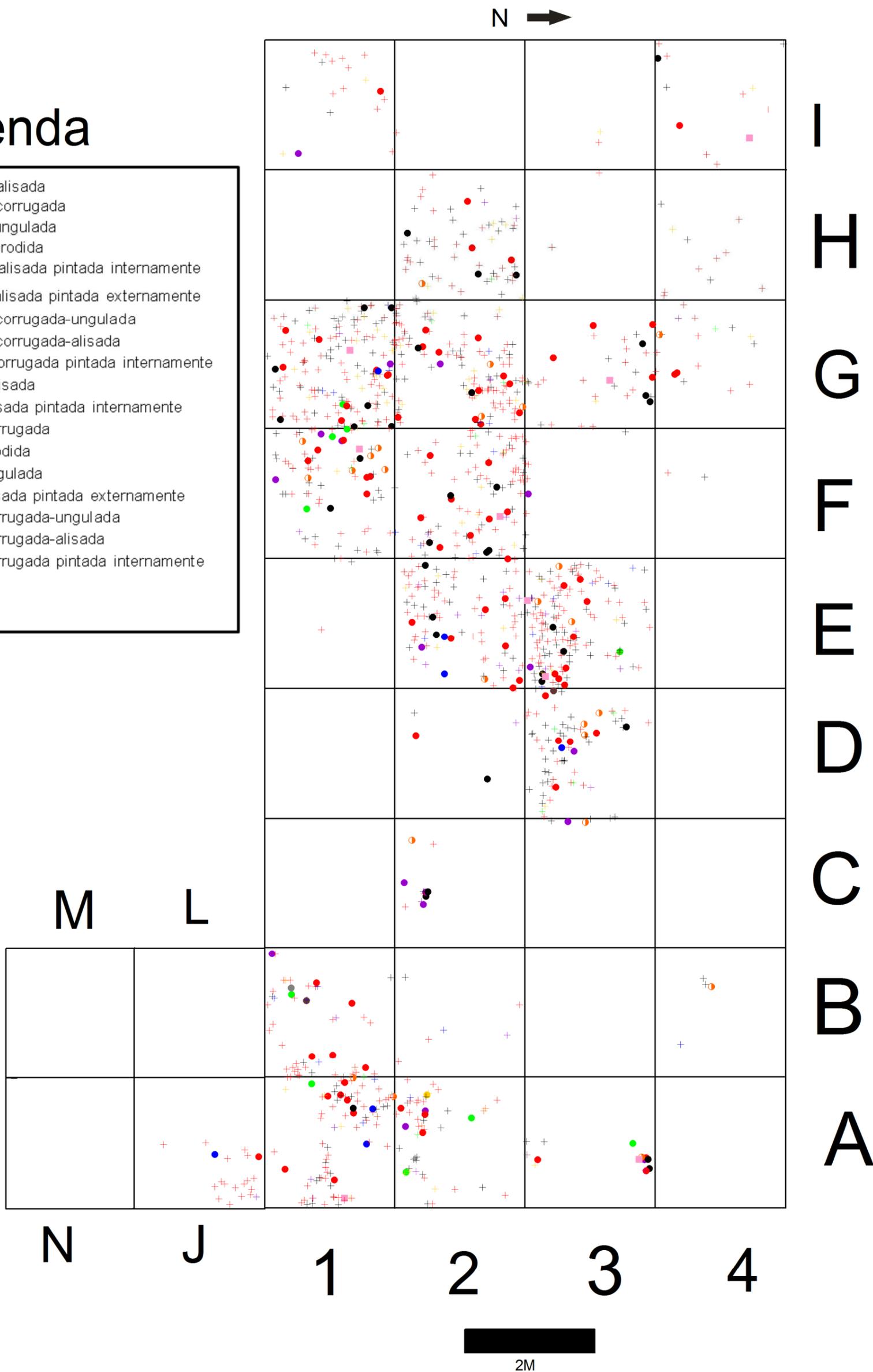


Figura 14: Distribuição espacial de todas os fragmentos de cerâmica, com registro tridimensional, provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114. Fonte: elaborado pelo autor

As bases aparecem localizadas, em sua maioria, em conjuntos. Em relação ao total de fragmentos, são poucos as que se encontram isoladas. Consta-se uma concentração destas, que compõem a parte de apoio da vasilha no solo, nas quadrículas F1, G2, E3 e D3, ressaltando uma menor distância entre os fragmentos, na primeira e última quadra, citadas (FIGURA 15).

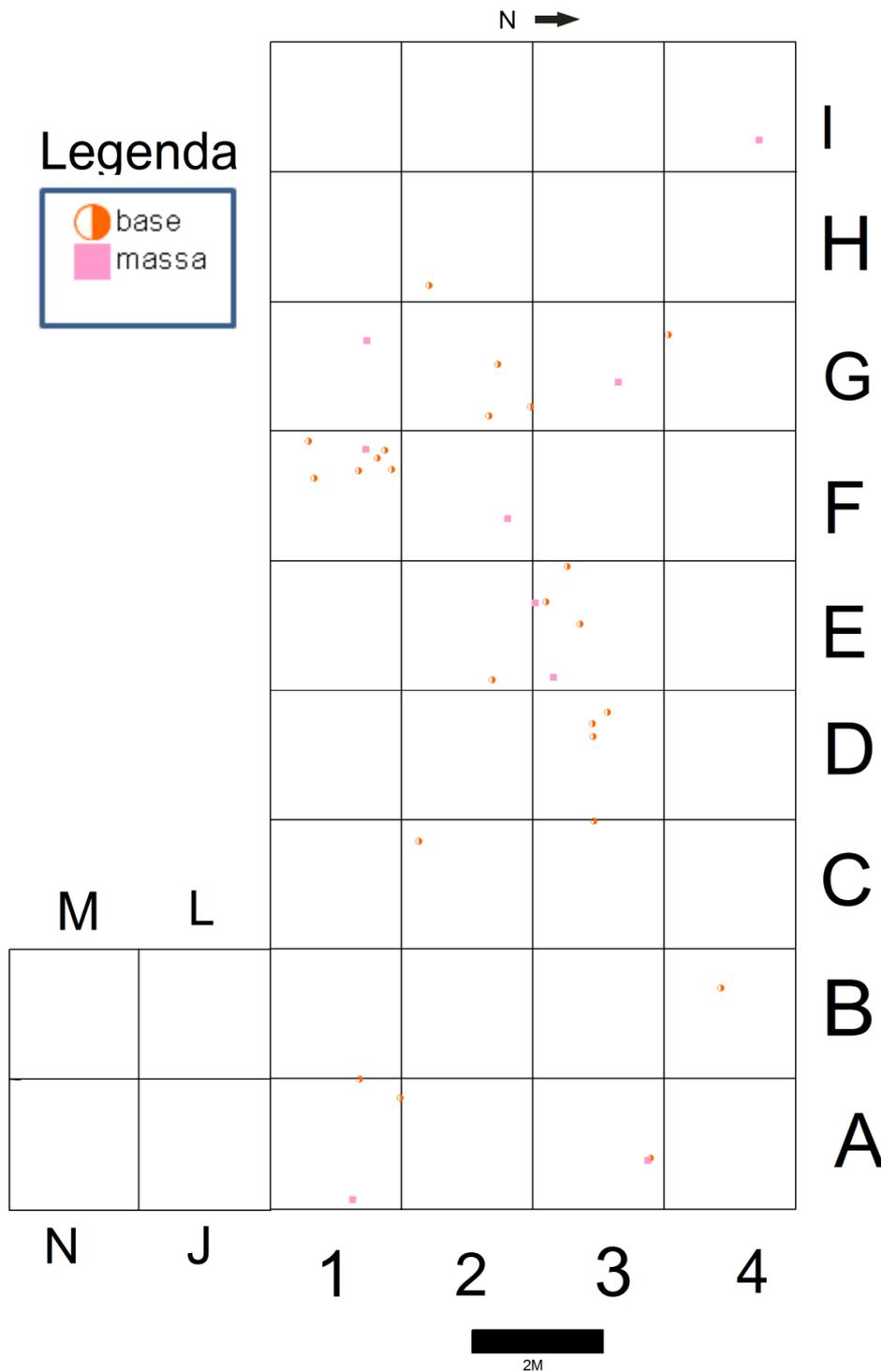


Figura 15: Distribuição espacial de todos os fragmentos enquadrados na classe de massas e bases, com registro tridimensional, provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114

Fonte: elaborado pelo autor (2010)

As massas, identificadas na bibliografia como restos do ato de confecção da cerâmica ou então utilizadas como suporte para as vasilhas no fogo, encontram-se dispersas por toda a área, sem uma concentração identificada.

Já as bordas encontram-se dispersas por toda a área, em alguns locais com maior incidência. Entre estes locais estão os quadrantes G, F, E e A. Além disso, a quadrícula D3 e C2 apresentam uma concentração de bordas (FIGURA 16).



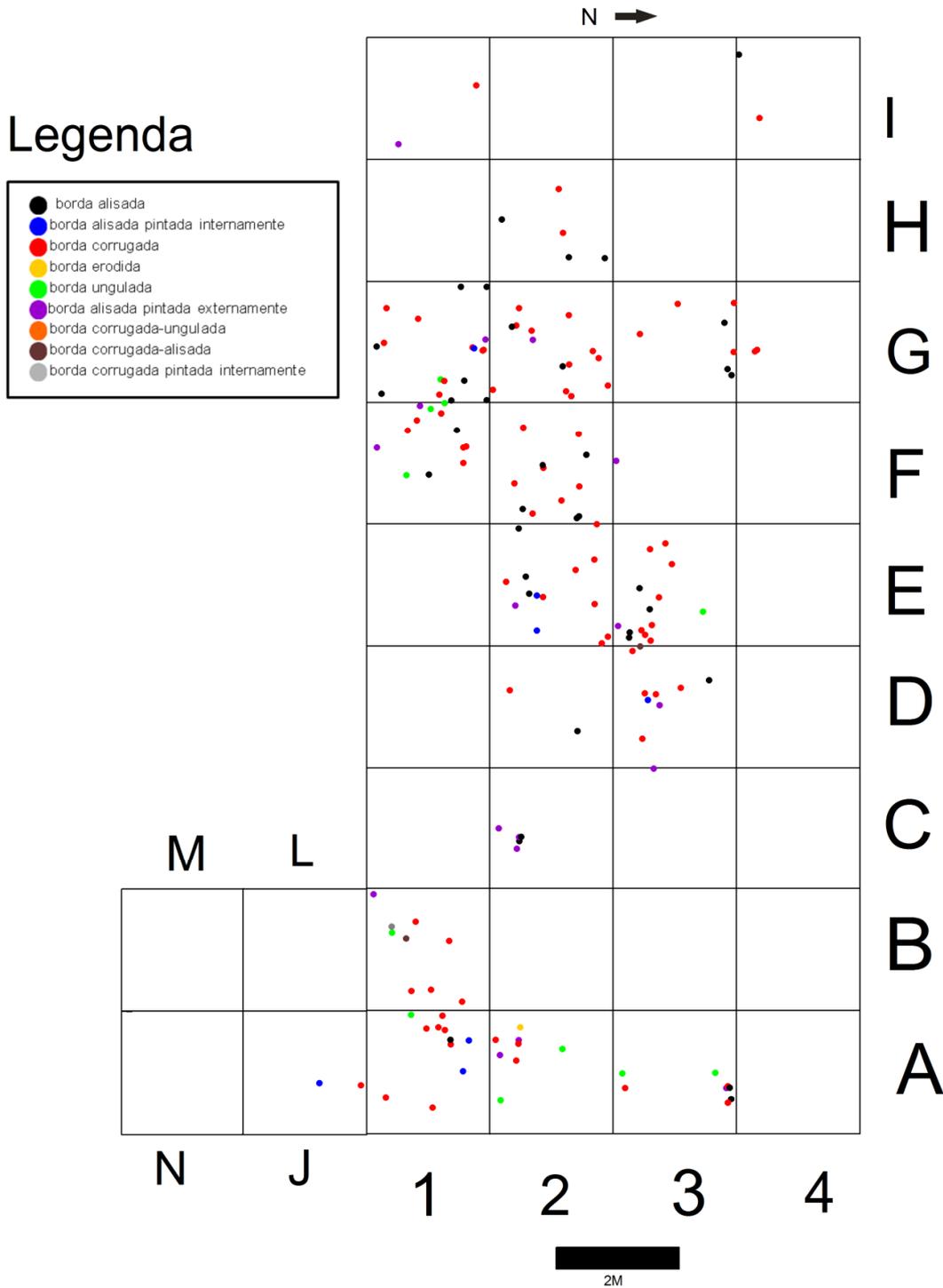


Figura 16: Distribuição espacial de todas os fragmentos enquadrados na classe de bordas, com registro tridimensional, provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114

Fonte: elaborado pelo autor (2010)

Observa-se que a incidência de bordas pintadas na metade oeste da área é menor do que na metade leste. Com relação aos fragmentos ungulados, apresentam-se no centro da área, bem como nas proximidades das quadrículas A1 e A2. As bordas corrugadas, que representam mais da metade do total de bordas, apresentam-se dispersas por toda a área.

A distribuição das vasilhas demonstra algumas particularidades, principalmente entre as diferentes funcionalidades. É importante salientar que o pequeno número de vasilhas identificadas (aproximadamente 30% do total), os dados apresentados na sequência devem analisados com certa precaução (FIGURA 17).

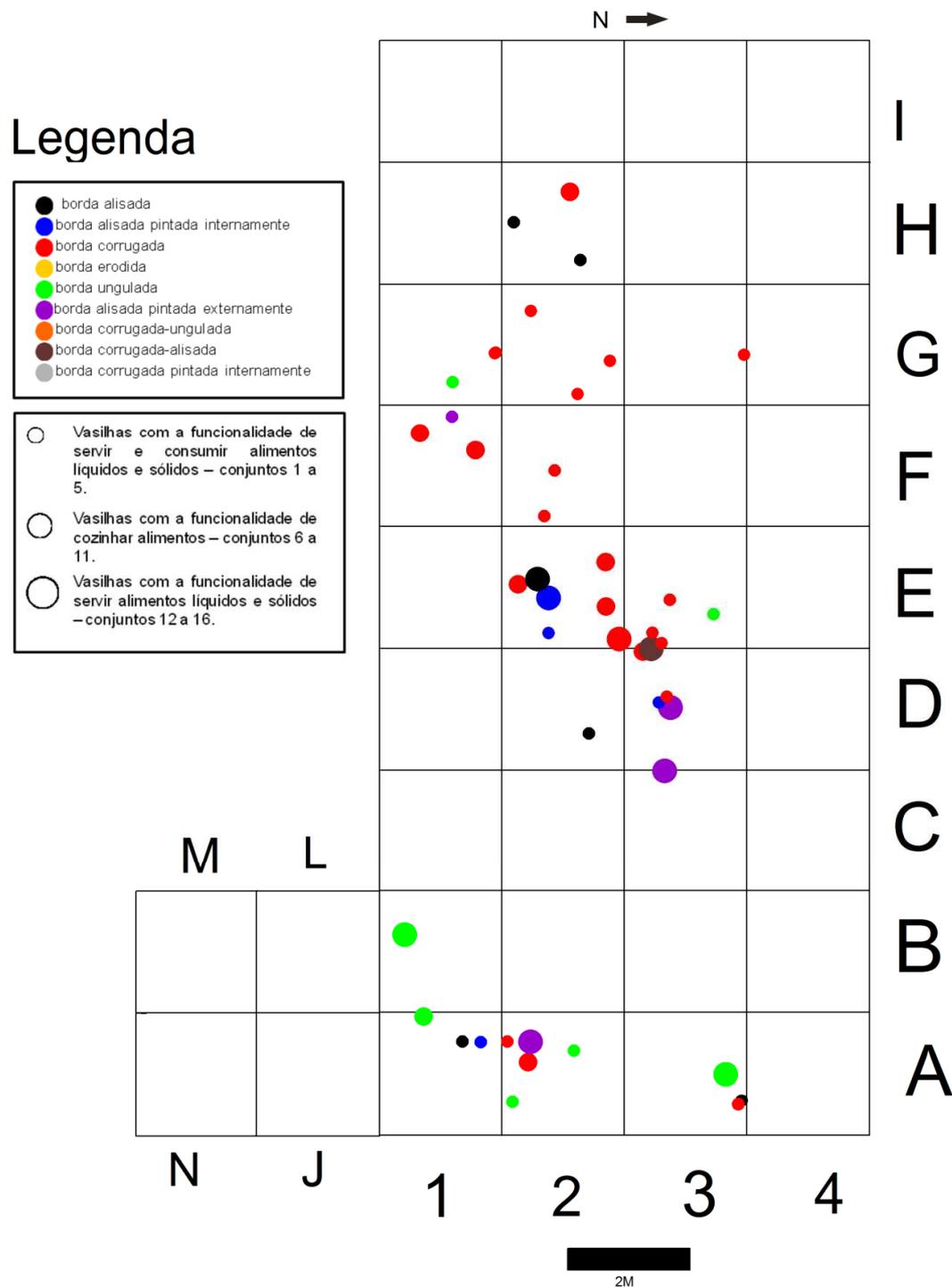


Figura 17: Distribuição espacial das vasilhas, com registro tridimensional, conforme sua funcionalidade (a partir de Fiegenbaum 2009), provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114
Fonte: elaborado pelo autor (2010)

Podem-se dividir as vasilhas em três áreas distintas. A primeira área localizada junto aos quadrantes A e B, próximo ao talude. Uma segunda localizada entre os quadrantes D e E. E por fim, uma área nas proximidades da área de combustão.

Na primeira área, localizada próxima ao talude, há predominância de vasilhas com a funcionalidade de servir e consumir alimentos, tanto com formas mais simples, quanto complexas. Enquanto que as panelas, utilizadas ao fogo representam apenas 2 peças de um total de 12.

Já no segundo espaço supracitado, evidenciam-se todas as funcionalidades, apresentadas por Fiegenbaum (2009). De um total de 17 vasilhas identificadas com funcionalidade, 4 referem-se a panelas; 6 a funcionalidade de servir alimentos, com um contorno mais complexo; e 8 vasilhas a funcionalidade de servir e consumir alimentos líquidos e sólidos. Sendo que estas vasilhas encontram-se em uma área de 16m².

Por fim a terceira área analisada, localizada próximo a área de combustão, apresenta 14 vasilhas, sendo que 10 estão entre as quadrículas G1, G2, F1 e F2. Percebe-se neste local a ausência de vasilhas com o contorno mais complexo (entre os conjuntos 12 e 16), com a funcionalidade de servir alimentos. Identificam-se 3 panelas e 11 recipientes com o contorno da forma simples, com a funcionalidade de servir e consumir alimentos sólidos e líquidos.

Ainda em relação as vasilhas, a distribuição das mesmas a partir do diâmetro, demonstra uma distinção em duas áreas. Uma área central e outra próxima ao talude. Se relacionarmos as três áreas identificadas com as funcionalidades, acima descritas, a duas áreas no centro apresentam características comuns, quanto ao diâmetro das vasilhas. Já a área próxima ao talude, apresenta diferenças na funcionalidade e diâmetro das vasilhas (FIGURA 18).

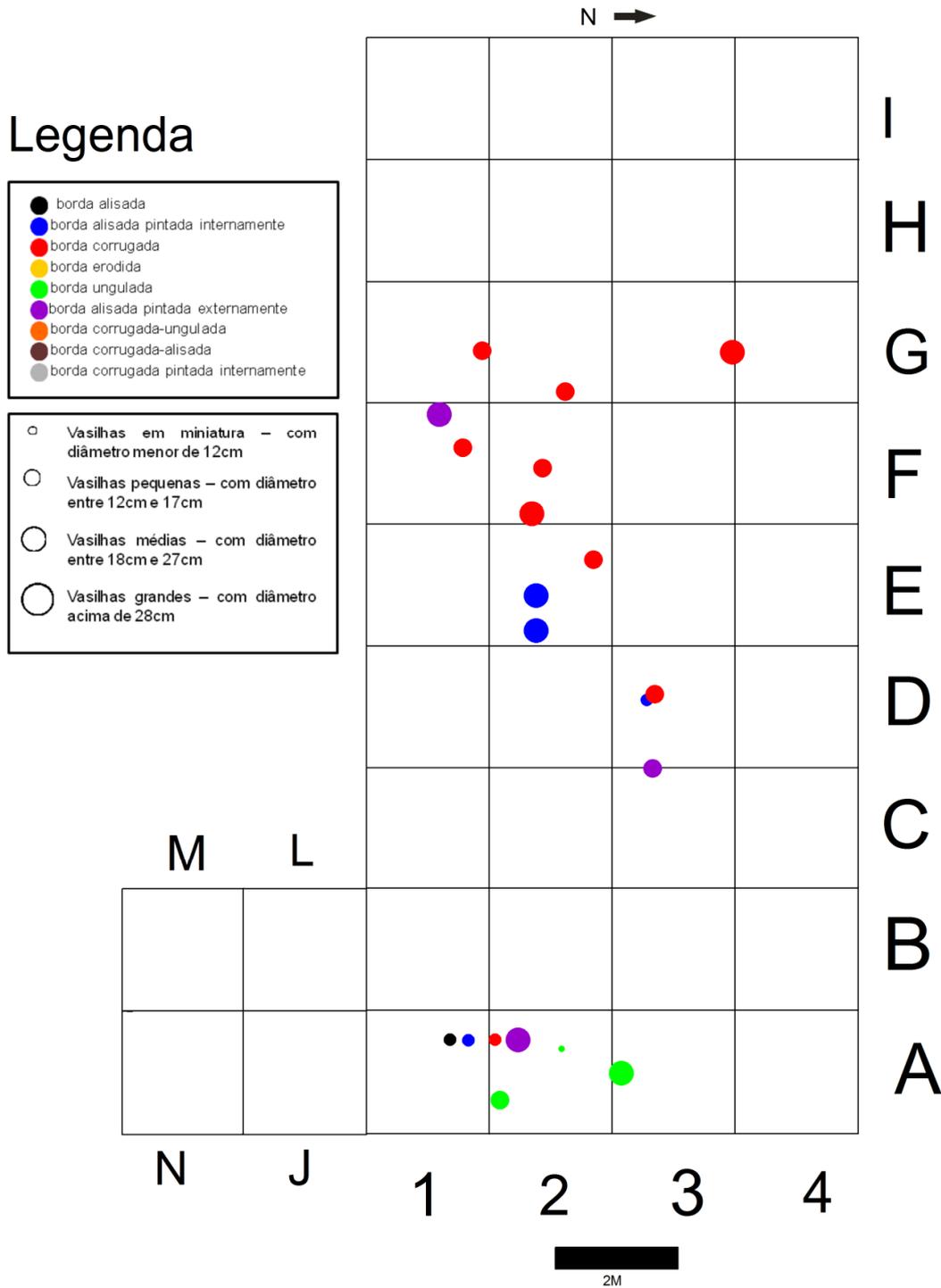


Figura 18: Distribuição espacial das vasilhas, com registro tridimensional, conforme seu diâmetro provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114

Fonte: elaborado pelo autor (2010)

A maioria das vasilhas pequenas (3) localizam-se entre as quadrículas A1 e B1. Local onde está a vasilha em miniatura. A outra vasilha pequena encontra-se na quadrícula D3.

As vasilhas medianas estão na região central da área, exceto uma localizada na quadrícula A2. Por fim as vasilhas classificadas como grandes, estão presentes em ambas as áreas.

5.3 O material lítico

As evidências arqueológicas em pedra, denominadas de lítico (FIGURA 19), somam 252. A matéria-prima predominante é o basalto, na forma de seixos. Ainda foram identificadas 5 lascas provenientes de lascamento unipolar. Além disso, constatou-se a presença de 39 fragmentos, todos com marcas de alteração térmica, fogo.

Tabela 03: Quantificação e distribuição das evidências líticas quanto à matéria-prima e tipo de fragmento

MATÉRIA-PRIMA/ TIPO DE FRAGMENTO	Basalto	Quartzo	Calcedônia	Arenito friável	Arenito silicificado	Total
Seixos	116	5				121
Seixos quebrados	10					10
Lascas unipolares	5					5
Lascas bipolares		16	16			32
Lascas ⁴⁸	11				1	12
Núcleos unipolares			1		1	2
Núcleos bipolares		4	7			11
Cristais		1				1
Tembetás		1				1
Seixos lascados	2					2
Fragmentos	39			16		55
Total	183	27	24	16	2	252

Fonte: elaborado pelo autor

Após o basalto, a matéria-prima mais verificada foi o quartzo. Em sua maioria lascas bipolares (16), além de 4 núcleos bipolares. Completam a coleção, um fragmento de tembetá e um cristal, na forma bruta.

⁴⁸Esta categoria é composta basicamente por lascas, destacadas de rochas maiores pela ação pelo fogo, exceto no arenito silicificado.

Dentre as evidências, com matéria-prima a calcedônia, prevalecem as lascas bipolares. Os núcleos bipolares somam 7 peças, além de um núcleo unipolar. Com relação ao arenito friável, todos os fragmentos foram incluídos na classe de fragmentos. Foram evidenciadas apenas 2 peças em arenito silicificado, um núcleo e uma lasca, número pequeno de evidências, em comparação as demais matérias-primas. Esta parece ser uma característica comum para o RS-T-114, já que Fiegenbaum (2009) não destacou nenhum objeto em arenito silicificado.

A análise de marcas de fogo, alteração térmica, foi verificada no basalto, calcedônia e arenito friável. No basalto a maioria das marcas de fogo foi registrada nas lascas e fragmentos, também chamados de pedras-de-fogão. Ainda foram identificadas marcas em 2 lascas unipolares, seixos e seixos quebrados, normalmente ocasionado pelo fogo.

Tabela 04: Quantificação e distribuição das evidências líticas quanto à matéria-prima e tipo de fragmento, que apresentam marcas de exposição ao fogo.

MATÉRIA-PRIMA/TIPO DE FRAGMENTO COM ALTERAÇÃO TÉRMICA	Basalto	Calcedônia	Arenito friável
Seixos	11		
Seixos quebrados	7		
Lascas	11		
Lascas unipolares	2		
Lascas bipolares		5	
Núcleos bipolares		1	
Fragmentos	39		4

Fonte: elaborado pelo autor

Na calcedônia as marcas de fogo foram registradas em lascas bipolares (5) e 1 núcleo bipolar. Ainda foram registrados 4 fragmentos de arenito friável com marcas de alteração térmica.

O polimento foi evidenciado no basalto e arenito friável. Não foi identificada nenhuma peça com polimento total. Todas possuíam apenas pequenas superfícies polidas. As marcas foram identificadas principalmente em seixos de basalto. No arenito friável, normalmente associado à finalidade de polimento, foram evidenciadas apenas três evidências com marcas.



Figura 19: Evidências líticas provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114. 1 – seixos de basalto com marcas de polimento; 2 – seixos de basalto com marcas de contato com fogo e polimento; 3 – fragmentos de basalto com marcas de contato com o fogo; 4 – lascas unipolares de basalto; 5 – fragmento de arenito friável com marcas de polimento; 6 – fragmento de arenito friável com marcas de contato com o fogo; 7 – fragmento de arenito friável; 8 – núcleo unipolar de arenito silicificado; 9 – lasca de arenito silicificado; 10 – seixo de calcedônia; 11 – núcleo bipolar de calcedônia; 12 – cristal de quartzo; 13 – lasca bipolar de quartzo; 14 – núcleo bipolar de quartzo; 15 – lasca bipolar de calcedônia; 16 – lasca bipolar de calcedônia com marcas de contato com fogo

Fonte: elaborado pelo autor (2010)

Tabela 05: Quantificação e distribuição das evidências líticas quanto a matéria-prima e tipo de fragmento, que apresentam marcas de polimento.

MATÉRIA-PRIMA/TIPO DE FRAGMENTO	Basalto	Arenito friável
Seixos	17	
Seixos quebrados	2	
Fragmentos		3

Fonte: elaborado pelo autor

Os seixos com superfícies polidas podem estar relacionados a confecção da cerâmica, para alisar as superfícies antes da queima. Além disso, estes e os fragmentos de arenito friável poderiam ser utilizados na finalização de instrumentos líticos e afiá-los.

Assim como o polimento, as marcas de uso (FIGURA 20) foram identificadas com o auxílio de uma lupa binocular. Pela difícil visualização e identificação, apesar da lupa, o material em quartzo não foi plausível de investigação.

Foram identificadas marcas de uso em 11 peças, a maioria representada por lascas bipolares de calcedônia (6). Ainda constataram-se negativos em uma lasca unipolar de basalto (riolito). Esta apresenta várias retiradas, em ambas as laterais, embora não classificada como um biface ou talhador.

Foram identificados 2 núcleos unipolares, de arenito silicificado e calcedônia, além do tembetá de quartzo que apesar de não apresentar marcas de uso, sua confecção foi produzida pelo homem. O núcleo de arenito silicificado apresenta várias retiradas, além de negativos em uma das arestas. Já no núcleo de calcedônia, observam-se vários micro-lascamentos em uma das extremidades.

Ainda foi constatada marcas de utilização em um seixo lascado, numa extremidade.

Apesar da maioria das evidências não apresentar marcas visíveis de utilização, Fiegenbaum (2009) alerta que em muitos casos a utilização não deixou registrados os negativos, pelo pouco uso ou pela finalidade utilitária.

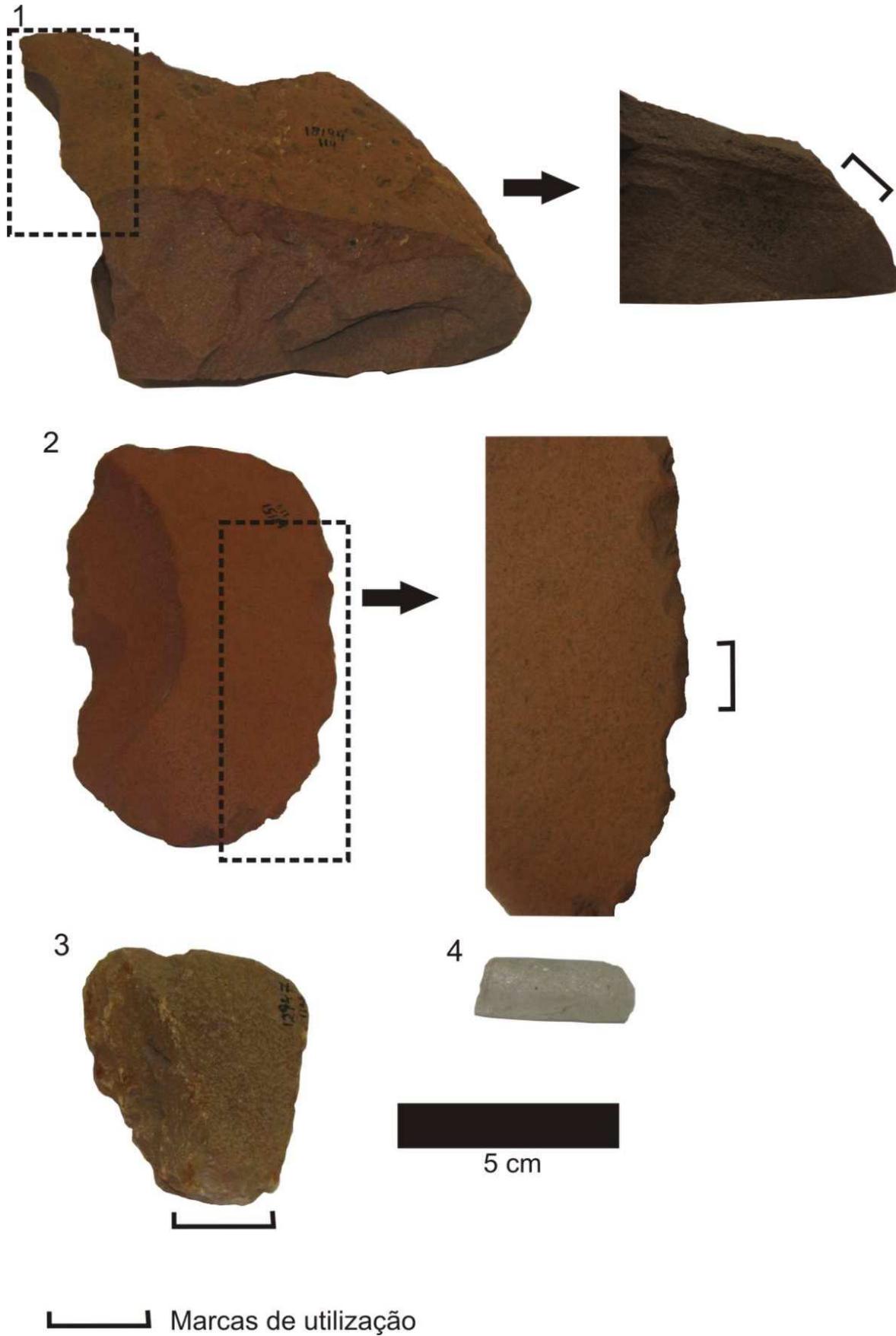


Figura 20: Evidências líticas com marcas de utilização. 1 – núcleo unipolar de arenito silicificado; 2 – lasca unipolar de basalto; 3 – núcleo unipolar de calcedônia; 4 – tembetá de quartzito
 Fonte: elaborado pelo autor (2010)

5.3.1 A distribuição espacial do material lítico

A dispersão espacial das evidências (FIGURA 21) acompanha a dispersão da cerâmica, com uma concentração na área central, e outra na parte leste da área, próxima ao talude. Visualizando a dispersão dos diferentes tipos de evidências, verificam-se aspectos relevantes a utilização do espaço.



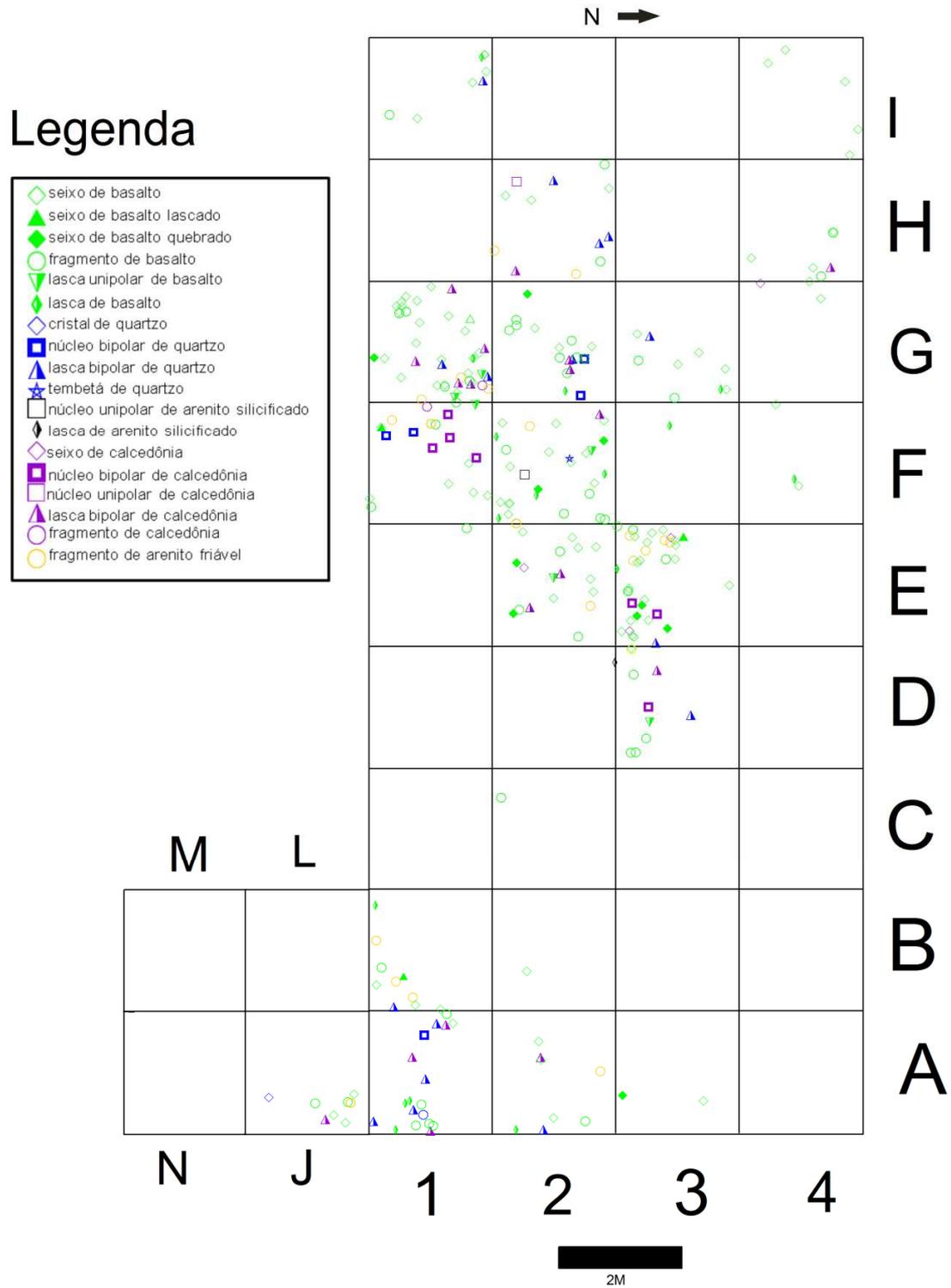


Figura 21: Distribuição espacial das evidências líticas, com registro tridimensional, provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114

Fonte: elaborado pelo autor (2010)

Os seixos, lascas e fragmentos, de basalto, fragmentos de arenito friável, encontram-se dispersos pelas duas concentrações. As lascas unipolares estão concentradas nas quadrículas centrais, principalmente G1, próximas a área de combustão.

Os núcleos bipolares, principalmente de calcedônia, apresentam-se em concentrações. Uma evidenciada na quadrícula F1, juntamente com núcleos bipolares de quartzo. Sendo que as lascas bipolares, tanto de quartzo quanto de calcedônia encontram-se na quadrícula ao lado, G1, e entornos. Outra concentração significativa de núcleos bipolares e lascas de calcedônia, está nos entornos da quadrícula E3.

Na quadrícula A1, encontram-se núcleos e lascas bipolares de quartzo, próximos. Exceção acontece nas quadras H2 e I1, onde foram identificadas apenas lascas bipolares.

Os núcleos unipolares, de arenito silicificado e calcedônia, encontram-se respectivamente nas quadrículas F2 e H2. A única lasca de arenito silicificado está localizada na quadrícula D3. Já o tembetá de quartzo encontra-se na quadrícula F2.

Nota-se uma grande “variedade” de elementos líticos nas quadrículas, onde foi localizada a área de combustão (G1, G2, F1 e F2).

A localização das evidências térmicas (FIGURA 22) torna-se pertinente, uma vez que pode confirmar a presença de uma estrutura de combustão, e de outras, a partir da sequência dos trabalhos de campo e laboratório.

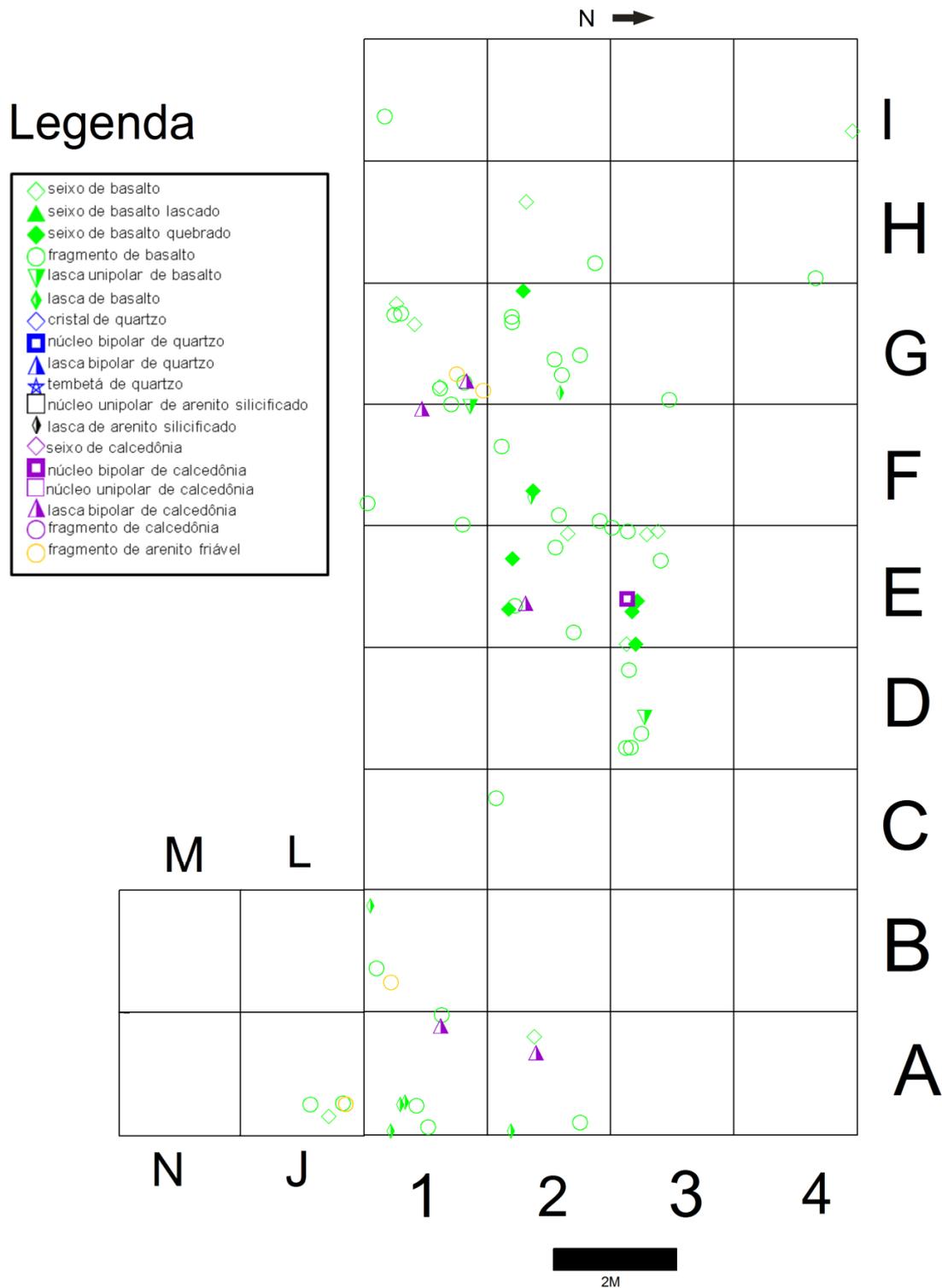
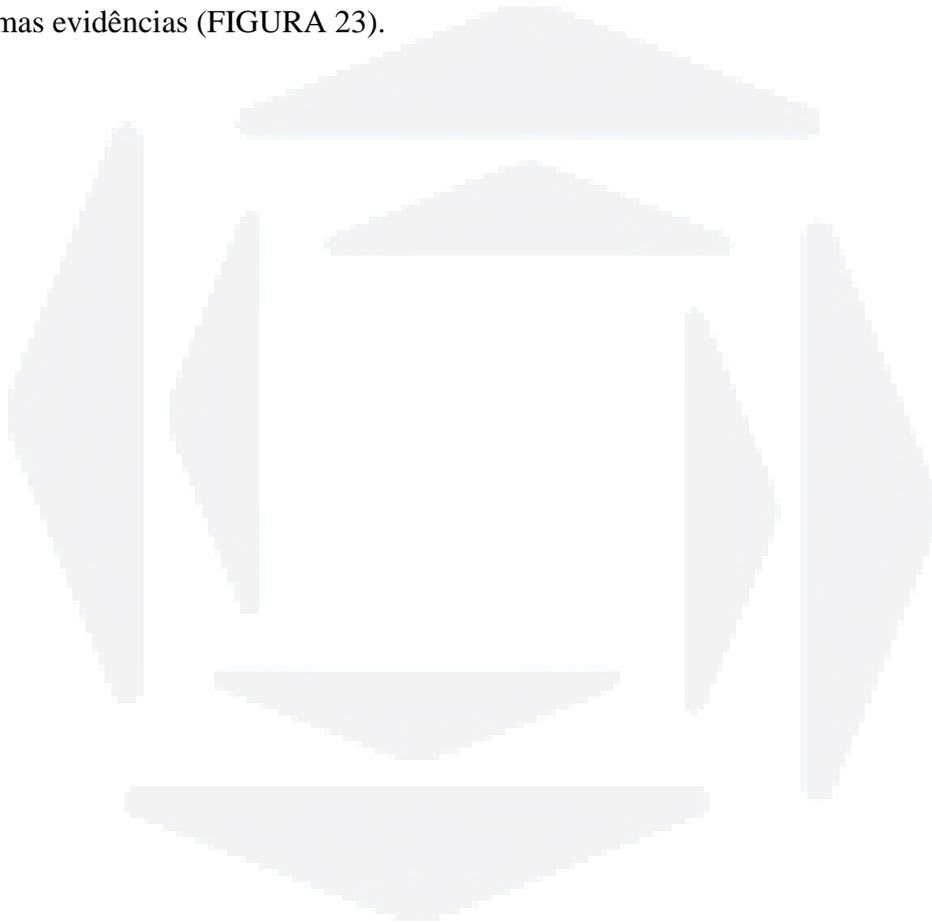


Figura 22: Distribuição espacial das evidências líticas, com registro tridimensional, com marcas de fogo provenientes da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114
 Fonte: elaborado pelo autor (2010)

Observa-se uma distribuição por toda a área. Uma grande quantidade de material no entorno da área de combustão, contribuindo para a afirmação desta. Entretanto, existem outras concentrações semelhantes, que propõem a existência de outras áreas de atividade térmica. Uma no entorno da quadrícula A1, e outra entre as quadrículas E2, E3 e D3.

Analisando os elementos que constituem estas concentrações, percebe-se a presença do basalto e calcedônia nas três concentrações acima descritas. Já o arenito friável, apresenta-se apenas nas duas concentrações na extremidade das áreas.

As evidências com marcas de polimento, compostas basicamente por seixos, concentram-se na porção central da área, entre as quadras G, F e E. Nesse local verifica-se uma grande quantidade de seixos, com parte da superfície polida, no entorno da área de combustão. Da mesma forma, distante um pouco deste local, na quadrícula E3, identificam-se as mesmas evidências (FIGURA 23).



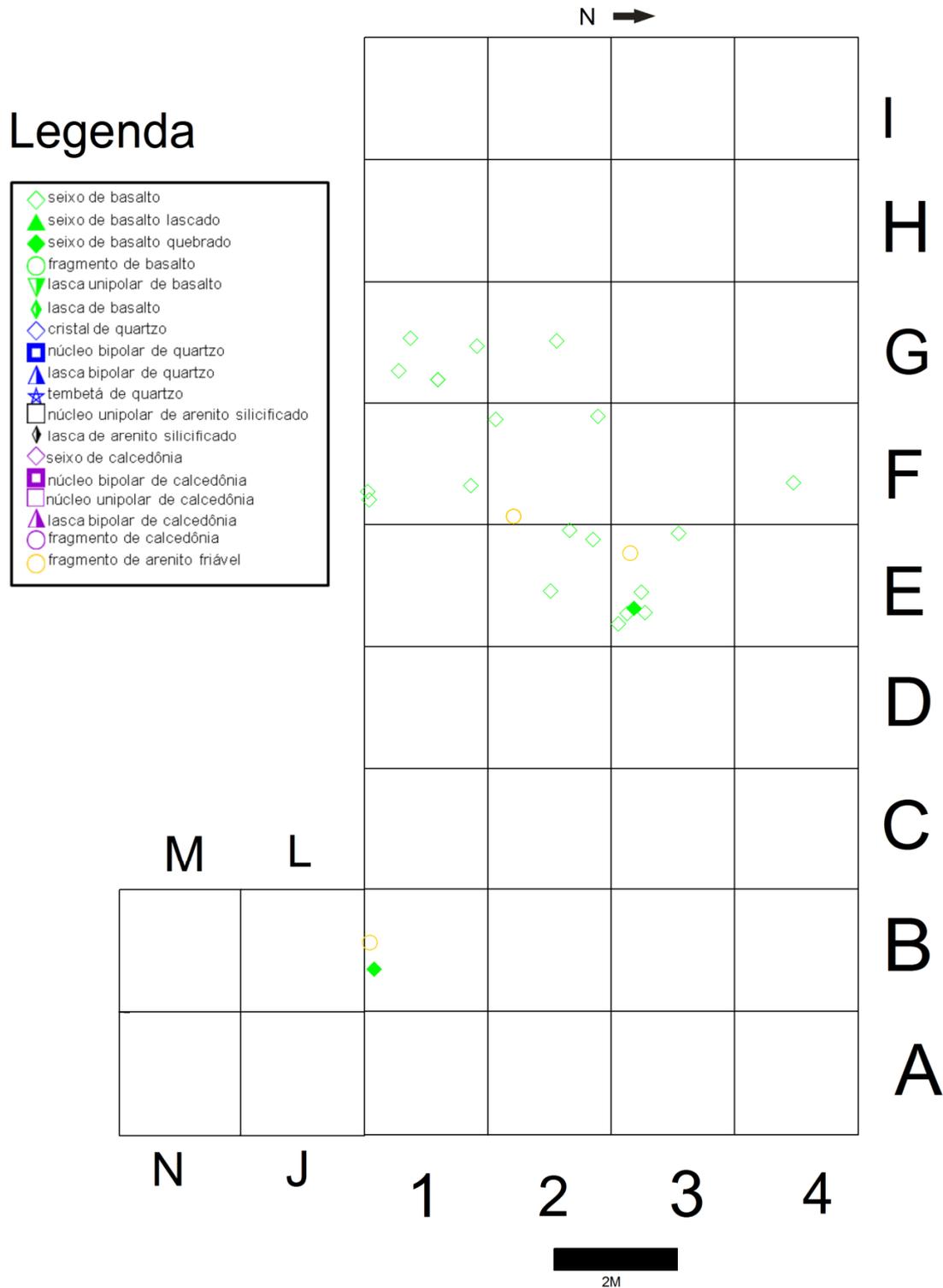


Figura 23: Distribuição espacial das evidências líticas, com registro tridimensional, com marcas de polimento da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114

Fonte: elaborado pelo autor (2010)

A grande concentração destes elementos na área central, no entorno da área de combustão e na quadrícula E3, supõe que a realização do polimento ocorria neste local. Entretanto não se pode afirmar a funcionalidade deste polimento: confecção de vasilhas cerâmicas ou para o acabamento de instrumentos líticos.

As marcas de uso foram identificadas em peças nos diferentes locais da área. Observe um maior número de evidências no entorno da área de combustão. Entretanto, se compararmos o total de cultura material com o material com negativos, percebe-se uma similaridade no todo (FIGURA 24).

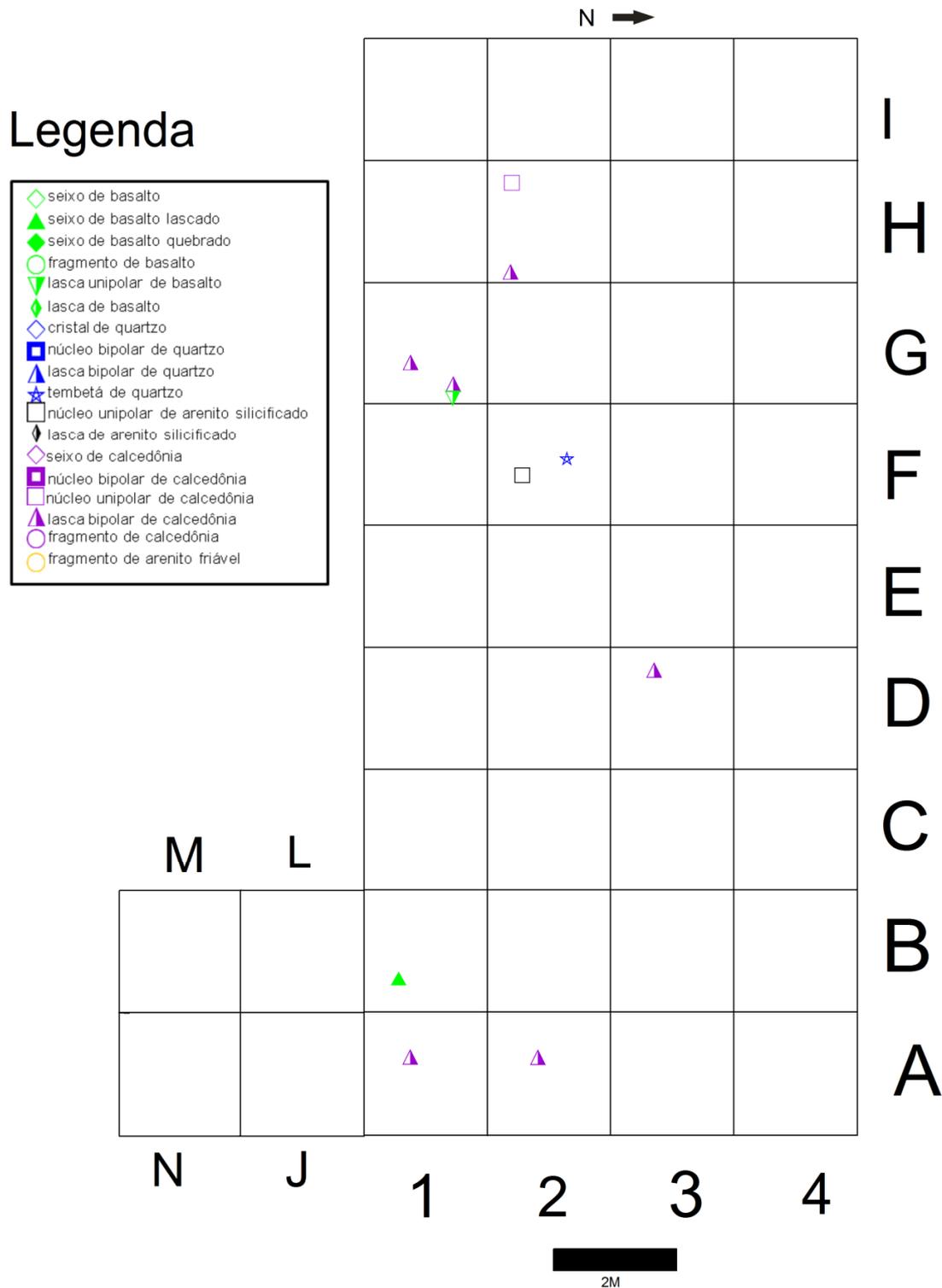


Figura 24: Distribuição espacial das evidências líticas, com registro tridimensional, com marcas de uso da Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114

Fonte: elaborado pelo autor (2010)

A existência destes materiais com marcas utilização, dispersos em toda a área, mas sem grandes aglomerações, são indicativos da utilização em todo o local, sem áreas específicas. Ou seja, o consumo de material lítico ocorria em todo o local.

Apesar da maioria das evidências não apresentar nenhum indicativo de uso ou alteração térmica, indica uma ação humana. É claro, que este material foi transportado até o local, hoje escavado. A utilidade destes testemunhos naturais, sem alteração antrópica, é desconhecida. Uma das possibilidades seria o armazenamento de matéria-prima para posterior transformação e utilização.

5.4 Interpretações e discussões

Pretende-se aqui agrupar as informações acima, com o intuito de interpretar esta dispersão espacial da cultura material, e localizar o(s) indivíduo(s) em torno desta.

Pelo exposto, percebe-se que o espaço no entorno da área de combustão era intensamente utilizado. Não se pretende discutir a área de combustão, definindo-a como fogo, fogueira ou fogão (Soares, 2004). Objetiva-se entendê-la como parte integrante do espaço. A dispersão de vestígios térmicos confirma sua presença, como a presença de vasilhas que iriam ao fogo (panelas), embora existam vestígios em outras partes da área, que possam indicar outras estruturas.

A presença de restos de argila, mesmo que poucos, poderia indicar que as vasilhas eram produzidas neste espaço. Não se pode descartar sua produção em outro local, fora da área estudada. Os seixos com marcas de polimento poderiam ser utilizados para dar o acabamento final desta, no entorno da área de combustão. A cocção do recipiente, assim como indicam os dados etnográficos, processava-se em outro local não evidenciado na escavação e no laboratório.

A dispersão das vasilhas indica uma aglomeração de panelas no entorno da área de combustão, entretanto não se pode afirmar que esta era somente utilizada para o cozimento dos alimentos pelas mulheres. O consumo dos alimentos ocorria próximo da área de combustão, e no seu entorno. A identificação de vasilhas maiores, mais próximas, supõe um maior convívio social do que no espaço próximo ao talude.

A confecção do material lítico utilizado pelo grupo, era em parte processada neste espaço. A presença de poucas lascas unipolares é um indício de que a produção dos grandes talhadores e bifaces, indicados por Fiegenbaum (2009) e encontrados ao longo da planície, não se processava no local.

Enquanto isso, a confecção de lascas bipolares, a partir da presença de núcleos e lascas, era realizada em parte dentro do espaço estudado. A utilização destas para atividades domésticas (cortar e raspar) indicaria sua confecção neste local. Um dos possíveis locais para a produção deste material seria nas proximidades da área de fogo. Entretanto a presença de poucos refugos deste processo deve ser questionada. Assim como na cerâmica, no material lítico identificam-se poucas (nenhuma) remontagens, fragmentos comuns há uma mesma peça, possibilitando a interpretação de uma limpeza ocasional do espaço. Material que seria descartado em outro local.

O gume poderia ser conseguido com a abrasão de seixos e fragmentos de arenito friável. A identificação de várias evidências líticas sem nenhum negativo pode ser vista como uma reserva de matéria-prima.

Assim, assemelha-se a análise proposta por Soares (2004) que põe as estruturas de combustão como centro das atividades. Mas por quê? Wüst (1990) as coloca como lugares centrais, imóveis. Assim, podem ser entendidas como estruturas simbólicas, ligadas a uma funcionalidade, num segundo plano. Entretanto percebe-se que além da preparação de alimentos, a área de fogo, poderia ter a finalidade de iluminar o ambiente. Assim quanto mais próximo dela, mais clareza e melhor visualização das atividades.

Por fim, levantam-se dois questionamentos. O primeiro diz respeito à funcionalidade do espaço: casa ou estrutura anexa? Como colocadas por Noelli (1993), as estruturas anexas seriam locais onde eram realizadas várias atividades, como se evidencia na Área 2. Entretanto, não se pode afirmar quanto à definição do local.

Outro questionamento levantado é a divisão do trabalho com a localização de determinadas funções, executadas por um grupo específico de indivíduos. Como sugere-se atividades de confecção e utilização da cerâmica, e confecção de parte dos instrumentos líticos, o local era freqüentado por todos os indivíduos do grupo, homens e mulheres, sem diferenciação entre eles.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia teve como objetivo analisar a dispersão espacial da cultura material, evidências lito-cerâmicas e arqueofaunísticas, dentro da Área 2 do sítio arqueológico pré-colonial RS-T-114. Sítio localizado no município de Marques de Souza/RS.

A metodologia empregada privilegiou a identificação da localização de cada evidência arqueológica no espaço do sítio, através das informações registradas em campo. Em laboratório procedeu-se a identificação do tipo de fragmento cerâmico e do tratamento de superfície. A partir da forma e contorno da borda, procurou-se enquadrá-las em funcionalidades específicas, propostas por Fiegenbaum (2009). Além da identificação do tipo de evidência, as peças líticas foram caracterizadas pela matéria-prima. Concluindo com a observação de marcas de fogo, polimento e uso.

A análise espacial demonstrou-se uma ferramenta propícia para a interpretação do espaço e das atividades realizadas neste. Baseada na relação entre a cultura material e sua localização no contexto arqueológico.

Apesar de pouco estudadas, a análise das áreas de atividade Guarani demonstrou uma diversidade de ações em diferentes locais do *teko'a*. A maioria delas acontecia na aldeia ou nas suas proximidades. Tanto na estrutura de habitação (casa) quanto nas estruturas anexas.

Observou-se que as diferentes atividades, também referem-se há uma divisão social do trabalho. Havia tarefas e funções, entre os Guarani, realizadas exclusivamente por homens e mulheres. Entretanto, as atividades propostas para o local, indicam uma circulação masculina e feminina em todo o local. Além da divisão sexual do trabalho, a partir da identificação de uma vasilha em miniatura, supõem-se uma atividade realizada por indivíduos inexperientes, em vias de aprendizado.

A coleção analisada contemplou 1380 fragmentos de cerâmica, 252 peças líticas e um vestígio arqueofaunístico. Dos 164 fragmentos de bordas, foram identificadas 153 vasilhas diferentes. Destas em 46 foi possível identificar a funcionalidade entre as categorias de: servir e consumir alimentos líquidos e sólidos (pratos, tigelas e assadores), cozinhar alimentos (panelas) e servir alimentos líquidos e sólidos (tigelas). No material lítico foram identificadas as seguintes matérias-primas: basalto, calcedônia, quartzo, arenito friável e arenito silicificado. Foram identificados seixos, seixos quebrados, lascas uni e bipolares, núcleos uni e bipolares, cristais, tembetás e fragmentos. Identificou-se a presença de marcas de fogo, de polimento e uso.

A diversidade artefactual identificada é um indicativo de um grande convívio social no local. A este fato, aliam-se a grande quantidade de vasilhas, bem como a presença de grandes vasilhas.

A distribuição espacial da cultura demonstrou a presença de concentrações de material, apesar da área não ter sido escavada em sua totalidade. A maior diversidade de materiais esteve concentrada na área de combustão, localizada no processo de escavação.

Sugere-se a partir disso uma função diferenciada da área de combustão. Além do preparo de alimentos ao fogo, registrado pela presença de vasilhas com esta funcionalidade, a região apresentou outros tipos de cultura material, sugerindo sua manipulação no local. Entre estes elementos estão os fragmentos líticos polidos, utilizados para dar o acabamento a utensílios em fase de finalização, e os núcleos e lascas bipolares, indicando uma forma de lascamento no local.

Outras atividades podem ser propostas a Área 2 do sítio arqueológico RS-T-114, com a sequência das pesquisas. Não se está restringindo o local somente às atividades acima descritas, mas as que foram possíveis de interpretação.

A busca pelo entendimento do passado, como fundamento básico da arqueologia, a partir da cultura material manipulada pelo homem ao longo tempo, leva o arqueólogo a retirar o máximo de informações possíveis sobre os objetos. Ainda que o universo de cultura material produzido por um grupo Guarani não restringi-se apenas ao material cerâmico e lítico.

Entretanto, o estudo da organização social e hierarquização de um grupo humano requerem a utilização de outras fontes como a etnografia, etnohistória e a antropologia, além da arqueologia. Assim, o pesquisador deve adentrar em outras disciplinas.

A análise não se encerra aqui, espera-se ter contribuído para a compreensão e organização do espaço, mesmo que preliminar, do sítio RS-T-114. Outras metodologias podem e devem ser aplicadas a coleção, que podem trazer outras respostas.



7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BDR. Bando de Dados Regional. **Perfil do Vale do Taquari**. Disponível em: <<http://www.univates.br>>. Acesso em 15 maio. 2010.
- BINFORD, Lewis R. **Em busca do passado**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1985.
- BORRAZÁS, Patrícia Manãna; ROTEÁ, Rebeca Blanco; VILA, Xurxo M. Ayán. Arqueotectura 1: bases teórico metodológicas para uma arqueologia de la arquitectura. In: **Tapa: traballos de arqueoloxia e patrimonio**, nº25. Santiago de Compostela, 2002.
- BROCHADO, José B. **Alimentação na Floresta Tropical**. Instituto de Filosofia e ciências Humanas. Porto Alegre: UFRGS, Caderno nº2, 1977.
- BRUXEL, Juliane; JASPER, André. A família Cactaceae na Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, RS, Brasil. **Revista Acta Botanica Brasilica**. São Paulo: SBB, n. 19, p. 71-79, 2005.
- CARLE, M. **Investigação arqueológica em Rio Grande**: Uma proposta da ocupação Guarani pré-histórica no Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2002.
- COSTA, Jucilene Amorim. **Contribuições à arqueologia da Amazônia: tecnologia cerâmica e pedogeoquímica no sítio arqueológico Terra Preta 2, município de Juruti, Região do Baixo Amazonas**. Monografia (Pós-Graduação). Belém: UFP, 2008.
- ECKHARDT, Rafael Rodrigo. **Zoneamento ambiental do Vale do Taquari**. Monografia (Graduação). Lajeado: UNIVATES, 2005..
- ECKHARDT, Rafael Rodrigo; REMPEL, Claudete; SALDANHA, Dejanira Luderitz; GUERRA, Teresina; PORTO, Maria Luiza. Análise e diagnóstico ambiental do Vale do Taquari – RS – Brasil, utilizando sensoriamento remoto e técnicas do geoprocessamento. In: XIII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO. **Anais**. Florianópolis: 21 a 26 de abril 2007.

ESPUNY, R. M. Blanch; FRANCO, F. Mayoral. Valoración de los elementos arqueológicos en la distribución espacial. In: **Arqueología Espacial: Colóquio sobre el microespacio**. 15 al 17 de septiembre. Teruel, 1986.

FIEGENBAUM, Jones. **Os artesãos da pré-história do Vale do Taquari e sua cultura material**. Monografia (Graduação). Lajeado: UNIVATES, 2006.

_____. **Um Assentamento Tupiguarani no Vale do Taquari/RS**. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo: Ática, 1988.

HODDER, Ian. New generations of spacial analysis in archaeology. In: **Arqueología Espacial: Colóquio sobre distribución y relaciones entre los asentamientos**. 27 al 29 de septiembre. Teruel, 1984.

_____. **Theory and Practice in Archaeology**. Londres, Nova Iorque: Routledge. 1992

_____.; ORTON, C. **Análisis Espacial en Arqueología**. Barcelona: Ed. Crítica, 1990.

KREUTZ, Marcos Rogério. **O Contexto Ambiental e as primeiras ocupações humanas no Vale do Taquari**. Dissertação de Mestrado. Lajeado: Univates, 2008.

JACQUES, Clarisse Callegari. **As pessoas e as coisas: Análise espacial em dois sítios arqueológicos, Santo Antônio da Patrulha, RS**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2007.

JUSTUS, Jarbas de Oliveira; MACHADO, Maria Lídia de Abreu; FRANCO, Maria do Socorro Morreira. Geomorfologia. In: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Levantamento de Recursos Naturais**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 33, p. 313-404, 1986.

LAMING-EMPERAIRE, A. Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul. **Manuais de Arqueologia 2**, Curitiba: CEPA, 1967.

LANDA, B. S. **A Mulher Guarani: Atividades e Cultura Material**. Dissertação Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1995.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

MACHADO, Ademir José. **Avançar adaptar e permanecer: a tradição tupiguarani no médio Rio das Antas**. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Unisinos, 2008.

MACHADO, Neli Teresinha Galarce; SCHNEIDER, Patrícia. ; SCHNEIDER, Fernanda. Análise parcial sobre a cerâmica arqueológica do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. **Revista Cerâmica**, v. 54, p. 103-109, 2008.

MACHADO, Neli Teresinha Galarce; Jasper, André; Schneider, Fernanda; Kreutz, Marcos Rogério. Análise geoambiental e sua relação com a captação de matérias-primas para a

confeção de instrumentos líticos pré-coloniais no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Americana de Arqueologia**, nº 27, p. 119-136, 2009.

MEGGERS, Betty J. & EVANS, Clifford. **Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica, manual para arqueólogos**. Washington, D.C.: Smithsonian Institution, 111 p. 1970.

MILDER, Saul S. **Arqueologia do Sudoeste do Rio Grande do Sul: uma perspectiva geoarqueológica**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP/MAE, 2000.

MILHEIRA, R. G. **Território e Estratégia de Assentamento Guarani na Planície Sudoeste da Lagoa dos Patos e Serra do Sudeste – RS**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP/MAE, 2008.

MORALES, Walter Fagundes. Um estudo de Arqueologia regional no médio curso do rio Tocantins, Planalto Central brasileira. São Paulo: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 17, 2007.

MORAES, Camila Azevedo de. **Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo: um estudo de variabilidade artefactual**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP/MAE, 2007.

MORAIS, José Luís de. **Perspectivas geoambientais da arqueologia do Paranapanema paulista**. Tese de Livre-Docência. São Paulo: USP/MAE, 1999.

OLIVEIRA, Kelly. **Estudando a cerâmica pintada da tradição Tupiguarani: a coleção Itapiranga, Santa Catarina**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS 2008.

PROUS, A. Os artefatos líticos. Elementos descritivos e classificatórios. **Arquivos do Museu de História Natural**, V. 11. Belo Horizonte: UFMG, 1986/90, p 1-89.

_____. **Apuntes Para Análisis de Industrias Líticas**. ORTEGALIA [Monografias de Arqueología, Historia y Patrimonio]. N. 2, Ortigueira, dec. 2004.

REMPEL, Claudete. **Aplicação do sensoriamento remoto para determinação da evolução da mata nativa da Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta – RS, entre 1985 e 1995**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

RODRIGUES, R. A.; AFONSO, M. C. . Um olhar etnoarqueológico para a ocupação guarani no Estado de São Paulo. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: UFRGS, v. 18, p. 155-174, 2002.

ROGGE, Jairo Henrique. Adaptação na floresta subtropical: A Tradição Tupiguarani no Médio Rio Jacuí e no Rio Pardo. **Pesquisas, Documentos 6**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, p. 3-156, 1996.

ROSA, Caroline Avelino Deitos. **Pessoas, Coisas e um Lugar: uma interpretação para a ocupação pré-colonial no sítio arqueológico Morro da Formiga, Taquara/RS**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2007.

ROURA, Eudald Carbonelli; MORENO, Jorge Martinez; TORGAL, Rafael Mora; MORALES, Ignacio Muro. Conceptos básicos em el análisis espacial. In: **Arqueología Espacial: Colóquio sobre el microespacio**. 15 al 17 de septiembre. Teruel, 1986.

SCHIFFER, M. Archaeological context and systemic context. In: SCHIFFER, M. **Behavioral Archaeology: firts principles**. Salt Lake City, University of Utah Press. pp. 201-218, 1972.

SCHMITZ, P. I., ARTUSI, L., JACOBUS, A. L., GAZZANEO, M., ROGGE, J. H., MARTIN, H., BAUMHARDT, G Uma aldeia Tupiguarani. Projeto Candelária, RS. **Documentos, Nº 4**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1990. 135p.

SCHNEIDER, Patrícia. **Cozer, Guardar e Servir: a cultura material do cotidiano no sítio Pré-colonial RS T 101 – Marques de Souza/RS**. Monografia (Graduação). Lajeado: Univates, 2008.

SILVA, Fabíola A. **As tecnologias e seus significados: um estudo da cerâmica dos Asurini do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica**. Tese Doutorado, São Paulo: MAE/USP, 2000.

_____. Produção e uso da cultura material e a formação do registro arqueológico: o exemplo da cerâmica dos Asurini do Xingu. **Revista do CEPA**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. vol.24, n. 32 (jul./dez.2000).

SOARES, André L. R. **Guarani: organização social e arqueologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. Coleção arqueologia nº 4.

_____. **Contribuição para a Arqueologia Guarani**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP/MAE, 2004.

VAZ, João L. Inês. Organização espacial Castreja na Civitas de Viseu. In: **Mathésis** 5. p. 149-162, 1996.

WÜST, I. **Continuidade e Mudança: Para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1990.

WÜST, I. Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro: a análise espacial do Sítio Guará 1 (GO-NI-100), Goiás. São Paulo: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n.6, 1996.

